

JUL. 2023. [v.1] [n.3]

TERRACOTA

A revista do GECHINA



Comunicado de Shanghai | Transmissão Energética |
Catolicismo na China | China sob as pinturas de Song
Wenzhi | Conheça o GECHINA | Processo Seletivo
GECHINA 2023.2



研究中国
GECHINA UnB

TERRACOTA

A revista do GECHINA

JUL, 2023. [v.1] [n.3]

EDITOR CHEFE

Arthur Rodrigues Cortez

CORPO EDITORIAL

Arthur Rodrigues Cortez

Maria Luiza da Silva Laranjeiras

Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira

Thays Alves da Silva

REVISORES

Octávio Henrique Alves Costa de Oliveira

Esther Marinho Santana

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE

João Paulo Araújo Souto

Thays Alves da Silva

DIAGRAMAÇÃO

Thays Alves da Sila

CAPA

Thays Alves da Silva

IMAGENS

Yiran Ding (Capa)

Aaron Greenwood

APOIO TÉCNICO

Eduardo Stelzer Alcure da Silva



研究中国
GECHINA UnB

SUMÁRIO

Comunicado Conjunto dos Estados Unidos da América e da República Popular da China (Comunicado de Shanghai) 3

Edelson Costa Parnov

A China na transição energética: a gradual consolidação de uma liderança 9

Cândido Grinsztejn Rodrigues d' Almeida

O catolicismo na China: um eterno limbo entre o histórico conturbado e as demandas contemporâneas 20

Felipe Vidal Benvenuto Alberto

Momento Cultural 文化 刻

Modernidade e tradição: a China do século XX sob as pinturas de Song Wenzhi 36

João Paulo Araújo Souto

Chamada para processo seletivo 2023.2

Sobre o Grupo de Estudos sobre China 43

Gostaria de fazer parte do GECHINA? 44

Edital do Processo Seletivo de 2/2023 - GECHINA UnB



研究中国
GECHINA UnB

27 de fevereiro de 1972

COMUNICADO CONJUNTO

28 de fevereiro de 1972

Shanghai¹, República Popular da China

**Comunicado Conjunto dos Estados
Unidos da América e da República
Popular da China
(Comunicado de Shanghai)²**

Edelson Costa Parnov³

O presidente Richard Nixon dos Estados Unidos da América visitou a República Popular da China a convite do primeiro-ministro Zhou Enlai de 21 a 28 de fevereiro de 1972.

¹ Ao contrário do documento original, nesta tradução optou-se pela utilização do sistema pinyin para a grafia de nomes de pessoas e de cidades chinesas.

² Documento divulgado ao final da visita do presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, à República Popular da China, em 1972, e que deu início ao restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, rompidas desde a Revolução Chinesa de 1949. Traduzido do original em língua inglesa, disponível em: <<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/joint-communicate-between-united-states-and-china>> . Acesso em: 28 de junho de 2023.

³ Graduado em Ciências Sociais e em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É pesquisador do Centro de Estudos Asiáticos (CEA) da UFF. Email: ecparnov@usp.br

Acompanhando o presidente estavam a Sr.a Nixon, o Secretário de Estado dos EUA, William Rogers, o assistente do presidente, Dr. Henry Kissinger, além de outras autoridades americanas.

O presidente Nixon se reuniu com o presidente Mao Zedong do Partido Comunista Chinês em 21 de fevereiro. Os dois líderes tiveram uma troca séria e franca de pontos de vista sobre as relações sino-estadunidenses e assuntos mundiais.

Durante a visita, discussões longas, sérias e francas foram realizadas entre o presidente Nixon e o primeiro-ministro Zhou En lai sobre a normalização das relações entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China, bem como a respeito de outros assuntos de interesse de ambas as partes. Além disso, o Secretário de Estado William Rogers e o ministro das Relações Exteriores, Ji Pengfei, mantiveram conversas no mesmo espírito.

O presidente Nixon e sua comitiva visitaram Beijing e conheceram espaços culturais, industriais e agrícolas, além de Hangzhou e Shanghai, onde, continuando as discussões com líderes chineses, visitaram locais de interesse semelhante.

Os líderes da República Popular da China e dos Estados Unidos da América consideraram benéfico ter esta oportunidade, depois de tantos anos sem contato, de apresentar francamente uns aos outros seus pontos de vista sobre uma variedade de questões. Eles revisaram a situação internacional na qual estão acontecendo importantes mudanças e grandes convulsões e expuseram suas respectivas posições e atitudes.

O lado chinês declarou: Onde quer que haja opressão, há resistência. Os países querem independência, as nações querem libertação e o povo quer revolução - essa se tornou a tendência irresistível da história. Todas as nações, grandes ou pequenas, devem ser iguais: nações grandes não devem intimidar as pequenas e nações fortes não devem intimidar as fracas. A China nunca será uma superpotência e se opõe à hegemonia e à política de poder de qualquer tipo. O lado chinês afirmou que apoia firmemente as lutas de todos os povos e nações oprimidas pela liberdade e libertação e que os povos de todos os países têm o direito de escolher seus sistemas sociais de acordo com seus próprios desejos e o direito de salvaguardar a independência, soberania e integridade territorial de seus próprios países e se opor à agressão, interferência, controle e subversão estrangeira. Todas as tropas estrangeiras devem ser retiradas para seus próprios países. O lado chinês expressou seu firme apoio aos povos do Vietnã, Laos e

Camboja em seus esforços para alcançar seu objetivo, à proposta de sete pontos do Governo Revolucionário Provisório da República do Vietnã do Sul, à formulação de fevereiro deste ano sobre os dois pontos centrais da proposta e à Declaração Conjunta da Conferência de Cúpula dos Povos Indochineses. Apoia firmemente o programa de oito pontos para a unificação pacífica da Coreia apresentado pelo Governo da República Popular Democrática da Coreia em 12 de abril de 1971, e a abolição da "Comissão das Nações Unidas para a Unificação e Reabilitação da Coreia". Opõe-se firmemente ao renascimento e à expansão externa do militarismo japonês, e apoia firmemente o desejo do povo japonês de construir um Japão independente, democrático, pacífico e neutro. Sustenta firmemente que a Índia e o Paquistão devem, em concordância com as resoluções das Nações Unidas sobre a questão indo-paquistanesa, retirar imediatamente todas as suas forças para seus respectivos territórios e para seus próprios lados da linha de cessar-fogo em Jammu na Caxemira, e apoia firmemente o governo e o povo do Paquistão em sua luta para preservar sua independência e soberania, bem como o povo de Jammu na Caxemira em sua luta pelo direito à autodeterminação.

O lado dos EUA afirmou: A paz na Ásia e no mundo exigem esforços tanto para reduzir as tensões imediatas quanto para eliminar as causas básicas do conflito. Os Estados Unidos trabalharão por uma paz justa e segura: justa, porque realiza as aspirações dos povos e nações por liberdade e progresso; segura, pois elimina o perigo de agressão estrangeira. Os Estados Unidos apoiam a liberdade individual e o progresso social para todos os povos do mundo, livres de pressão ou intervenção externa. Os Estados Unidos acreditam que o esforço para reduzir as tensões serve para melhorar a comunicação entre países que têm ideologias diferentes, diminuindo os riscos de confrontação por acidente, erro de cálculo ou mal-entendido. Os países devem tratar uns aos outros com respeito mútuo e estar dispostos a competir pacificamente, deixando que o desempenho seja o juiz final. Nenhum país deve reivindicar infalibilidade e cada país deve estar preparado para reexaminar suas próprias atitudes para o bem comum. Os Estados Unidos enfatizaram que os povos da Indochina deveriam poder determinar seu destino sem intervenção externa; seu objetivo primário constante tem sido uma solução negociada; a proposta de oito pontos apresentada pela República do Vietnã e pelos Estados Unidos em 27 de janeiro de 1972 representa uma base para alcançar esse objetivo; na ausência de um acordo

negociado, os Estados Unidos preveem a retirada final de todas as forças estadunidenses da região, em coerência com o objetivo de autodeterminação de cada país da Indochina. Os Estados Unidos manterão laços estreitos e apoio à República da Coreia; os Estados Unidos apoiarão os esforços da República da Coreia para buscar um relaxamento da tensão e aumentar a comunicação na península coreana. Os Estados Unidos consideram do mais alto valor as suas relações amistosas com o Japão; continuarão a desenvolver os laços estreitos existentes. Coerente com a Resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 21 de dezembro de 1971, os Estados Unidos são favoráveis à continuação do cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão e à retirada de todas as forças militares para dentro de seus próprios territórios e para seus próprios lados da linha de cessar-fogo em Jammu na Caxemira; os Estados Unidos apoiam o direito dos povos do sul da Ásia de moldar seu próprio futuro em paz, livre de ameaças militares e sem que a área se torne objeto de grande rivalidade de poder.

Há diferenças essenciais entre a China e os Estados Unidos em seus sistemas sociais e políticas externas. Porém, os dois lados concordaram que os países, independentemente de seus sistemas sociais, devem conduzir suas relações baseadas nos princípios de respeito à soberania e integridade territorial de todos os Estados, de não agressão contra outros Estados, não interferência nos assuntos internos de outros Estados, igualdade, benefício mútuo e coexistência pacífica. As disputas internacionais devem ser resolvidas nessas bases, sem recorrer à ameaça ou ao uso da força. Os Estados Unidos e a República Popular da China estão preparados para aplicar esses princípios em suas relações mútuas.

Com esses princípios de relações internacionais em mente, os dois lados declararam que:

- o progresso em direção à normalização das relações entre a China e os Estados Unidos é do interesse de todos os países
- ambos desejam reduzir o perigo de conflito militar internacional
- nenhum dos dois deve buscar a hegemonia na região da Ásia-Pacífico e cada um se opõe aos esforços de qualquer outro país ou grupo de países para estabelecer tal hegemonia
- nenhum dos dois está preparado para negociar em nome de terceiros ou entrar em acordos ou entendimentos com o outro direcionados a outros Estados.

Ambos os lados são da perspectiva de que seria contra os interesses dos povos do mundo que qualquer país importante conspirasse com outro contra outros países, ou que países importantes dividissem o mundo em esferas de interesse.

Os dois lados reviram as sérias disputas de longa data entre a China e os Estados Unidos. A parte chinesa reafirmou sua posição: a questão de Taiwan é a questão crucial obstruindo a normalização das relações entre a China e os Estados Unidos; o Governo da República Popular da China é o único governo legal da China; Taiwan é uma província da China que há muito foi devolvida à pátria; a libertação de Taiwan é um assunto interno da China no qual nenhum outro país tem o direito de interferir; e todas as forças e instalações militares dos EUA devem ser retiradas de Taiwan. O governo chinês se opõe firmemente a quaisquer atividades que visem a criação de "uma China, uma Taiwan", "uma China, dois governos", "duas Chinas", uma "Taiwan independente" ou defendam que "o status de Taiwan continua a ser determinado".

O lado dos EUA declarou: Os Estados Unidos reconhecem que todos os chineses em ambos os lados do estreito de Taiwan afirmam que há apenas uma China e que Taiwan é parte da China. O governo dos Estados Unidos não contesta essa posição. Reafirma seu interesse em uma solução pacífica da questão de Taiwan pelos próprios chineses. Com essa perspectiva em mente, afirma o objetivo final de retirada de todas as forças e instalações militares dos EUA de Taiwan. Nesse ínterim, reduzirá progressivamente suas forças e instalações militares em Taiwan à medida que a tensão na área diminuir. As duas partes concordaram que é desejável alargar o entendimento entre os dois povos. Para isso, discutiram áreas específicas em campos como ciência, tecnologia, cultura, esportes e jornalismo, nas quais contatos interpessoais e intercâmbios seriam mutuamente benéficos. Cada lado se compromete a promover o desenvolvimento de tais contatos e intercâmbios.

Ambos os lados veem o comércio bilateral como outra área da qual podem ser derivados benefícios mútuos e concordaram que as relações econômicas baseadas na igualdade e no benefício mútuo são do interesse dos povos dos dois países. Eles concordam em facilitar o desenvolvimento progressivo do comércio entre seus dois países.

Os dois lados concordaram que permanecerão em contato através de vários canais, incluindo o envio de um representante sênior dos EUA a Beijing periodicamente para consultas concretas para promover a normalização das relações entre os dois países e continuar a troca de opiniões sobre questões de interesse comum.

As duas partes expressaram a esperança de que os ganhos alcançados durante a visita abram novas perspectivas para as relações entre os dois países. Eles acreditam que a normalização das relações entre os dois países não apenas é do interesse dos povos chinês e estadunidense, como também contribui para o relaxamento das tensões na Ásia e no mundo.

O presidente Nixon, a Sr. a Nixon e a comitiva estadunidense expressaram seu apreço pela graciosa hospitalidade demonstrada pelo governo e pelo povo da República Popular da China.

A China na transição energética: a gradual consolidação de uma liderança

Cândido Grinsztejn Rodrigues d' Almeida¹

INTRODUÇÃO

As transições energéticas são um processo amplo e de longo prazo, no qual ocorre uma mudança significativa na composição das fontes de energia que integram a matriz energética de um país ou região. Elas dependem da difusão de inovações tecnológicas e da interação destas com as técnicas pré-existentes, ocasionando mudanças suas características econômicas, sociais e tecnológicas, e implicando em alterações na maneira como a sociedade satisfaz suas necessidades e se apropria de recursos energéticos. Dessa forma, décadas são necessárias para a difusão dessas inovações incrementais, sendo requerido ainda um período maior de tempo para desenvolver infraestruturas que as deem suporte.

A atual transição - apenas uma das muitas que já ocorreram - é parte do mais amplo processo de descarbonização, que objetiva a trajetória rumo a uma economia mundial menos intensiva em carbono, e é fundamental para o combate às mudanças climáticas, assumindo um caráter distintivamente emergencial (ZOTIN, 2018, p. 6). O consenso em relação à urgência se reflete na Agenda 2030, dentro do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 7 (ODS 7), que visa ampliar vertiginosamente o acesso à energia moderna e tornar o setor energético menos intensivo em emissões de gases de efeito estufa (UN, 2021).

¹ Mestrando em Relações Internacionais no IRI/PUC-RIO. Assistente de Pesquisa no BRICS Policy Center Participante do GECHINA. email: candidogra1991@gmail.com

Neste contexto, a China, maior consumidor de energia primária a nível mundial e a maior economia em desenvolvimento do globo, vem tendo um papel cada vez mais importante. O país asiático vem se consolidando como líder da atual transição energética rumo a uma economia menos intensiva em carbono, através de uma acelerada ampliação da difusão de fontes de energia renováveis, em especial eólica e solar, em seu território, bem como assumindo compromissos no que tange à redução das suas emissões, que, pelo tamanho de sua economia, tem impactos para a transição energética e o combate às mudanças climáticas em escala global. Destacaremos a seguir a trajetória chinesa de transição energética nos últimos vinte anos, caracterizando as especificidades do cenário energético chinês, bem como suas motivações e alguns marcos institucionais importantes.

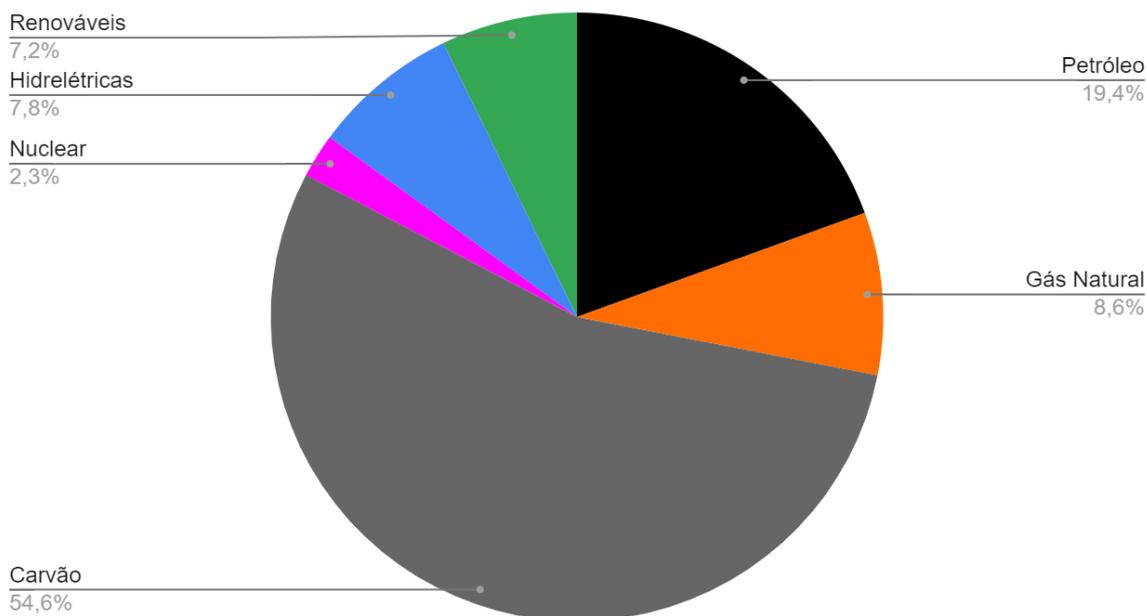
O panorama energético chinês em contexto de transição

A China é um dos maiores players internacionais no setor energético. O país responde por 26,5% do consumo mundial de energia primária, totalizando 157,65 Exajoules, ficando à frente dos Estados Unidos e da Europa (BP, 2022, p. 8). No que se refere a geração de energia elétrica, o país asiático também se destaca, representando 30% do total da geração mundial de energia elétrica, o equivalente a 8534,3 Terawatt-hora (BP, 2022, p. 50). Entretanto, o consumo de energia primária per capita chinês ainda se encontra muito distante do nível da Europa e, principalmente, dos Estados Unidos (BP, 2022, p. 11).

Em se tratando das emissões de CO₂ provenientes do consumo de derivados de petróleo, de gás natural e de carvão em atividades relacionadas à combustão, a China é o principal emissor, concentrando 31,1% das emissões atualmente (BP, 2022, p.12). Como veremos a partir de agora, isso se deve à grande dependência da China em relação ao carvão.

A principal fonte da matriz energética chinesa é o carvão, com participação de 54,65%, seguido de longe pelo petróleo e pelo gás natural, que respondem por 19,41% e 8,64%, respectivamente (BP, 2022, p.9). O peso que a soma desses três combustíveis fósseis tem na matriz energética chinesa é cerca de 82,74%, muito similar ao peso que eles têm na matriz energética mundial, 82,23%. Contudo, a distribuição entre as energias fósseis nas duas matrizes apresenta grandes contrastes, tendo o carvão um papel muito mais relevante na China.

China: Consumo de Energia Primária por Fonte (2021)



Fonte: Elaboração própria a partir do British Petroleum Statistical Review of World Energy 2022

Tal panorama se explica pelo fato do carvão ser um recurso abundante no território chinês e de baixo custo, o que mesmo em face ao compromisso do país com o combate às alterações climáticas se justifica por motivos de segurança energética - preocupação que figura em uma série de importantes documentos oficiais chineses, sendo entendida como uma dimensão fundamental da segurança nacional (CHINA, 2020, p. 26). Uma consequência negativa para o esforço da China na condução da sua transição energética e para a sua busca por uma atuação de maior peso na governança global do clima é o fato de que esse combustível é o mais poluente das energias fósseis.

Na última década, o país vem buscando reorientar o seu desenvolvimento com o intuito de torná-lo mais sustentável ambientalmente, visando promover o crescimento econômico e o aumento da qualidade de vida da população sem incorrer em aumento da degradação ambiental (CHINA, 2020, p. 3; 5). Tal desafio de dissociar o desenvolvimento econômico do aumento da degradação ambiental, envolvendo um uso mais racional e eficiente dos recursos naturais, vem sendo denominado de “Desenvolvimento Verde” e se inscreve no marco do conceito de “Civilização Ecológica” (STATE COUNCIL, 2023, p. 1).

Nesta perspectiva, o desenvolvimento de sistemas industriais modernos, que venham a conferir maior sustentabilidade e eficiência das indústrias chinesas, é crucial, e a inovação tecnológica tem um papel chave (CHINA, 2020 p.5; 9). Essa modernização torna mister a incorporação das mais avançadas tecnologias e também tem como imperativo uma mudança gradual do motor da economia chinesa, passando da ênfase em indústrias pesadas - que são intensivas em energia - para indústrias com maior tecnologia, que produzam bens de maior valor agregado. Entretanto, trata-se de um processo de longo prazo, visto que a China desempenha um papel chave na produção de materiais primários para a construção civil e infraestrutura, concentrando mais da metade da produção mundial de aço e de cimento (GARSIDE, 2023; STATISTA, 2023).

Em 2021, o país asiático se comprometeu em se tornar neutro em carbono até 2060 e estabeleceu 2030 como o marco limite para o pico de suas emissões (MACMILLAN-FOX, 2020; GLOBAL TIMES, 2021). Para esta última diretriz, foram estabelecidas dez ações-chave, que estão contidas no “Action Plan for Carbon Dioxide Peaking Before 2030” - publicado pelo Conselho de Estado Chinês neste ano - dentre as quais duas destacam o papel fundamental do setor de energia no combate às emissões de gases de efeito estufa e às mudanças climáticas. A promoção da transição energética verde e de baixo carbono figura como ação prioritária da lista, na qual também consta o estímulo ao aumento da eficiência energética (STATE COUNCIL, 2023, p. 5).

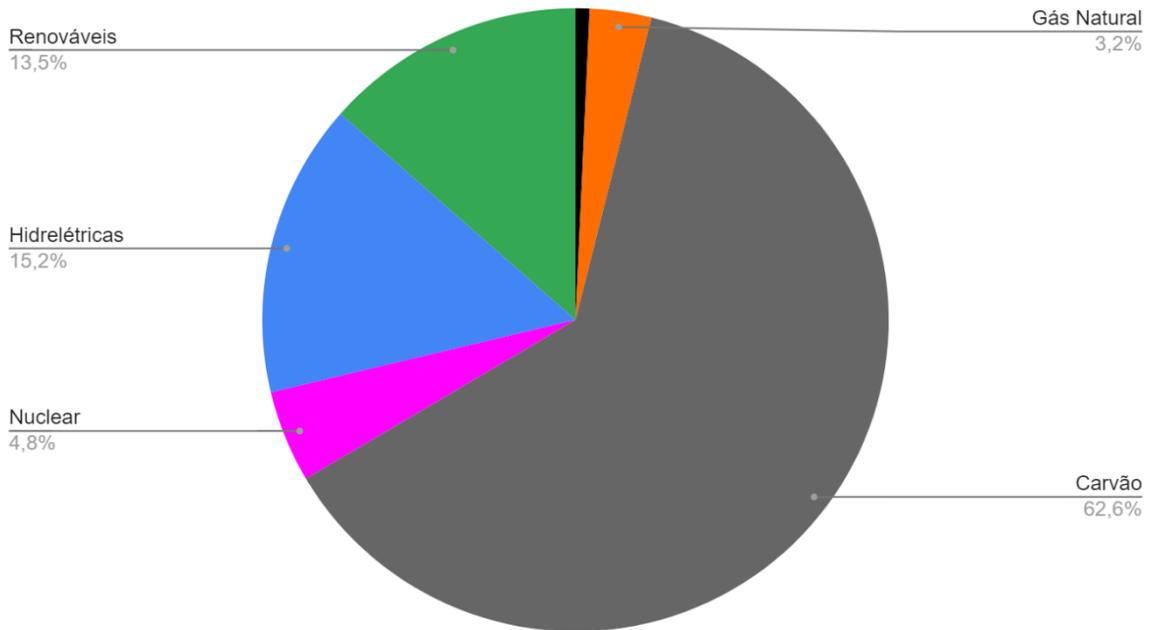
Desde 2007, o desenvolvimento das energias renováveis vem sendo encarado pelo país asiático como uma das medidas estratégicas para otimizar e tornar mais eficiente o uso de recursos naturais, como está presente no documento ‘Mid-to-long Term Development Plan for the Renewable Energy Industry’, publicado pela Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da China, que apresenta os princípios gerais de como se planejava impulsionar a transição energética na China (NRDC, 2007, p. 4).

Dessa forma, nos últimos quinze anos, a China tem buscado tornar sua matriz energética menos intensiva em carbono, por meio da expansão da utilização de fontes renováveis e pela simultânea redução do peso do carvão. A Agência Internacional de Energia estima que, entre 2019 e 2024, a China será responsável por 40% da expansão global da

capacidade renovável, impulsionada por uma melhor integração do sistema e maior competitividade das energias solar e eólica (IEA, 2023).

O avanço da transição energética no mundo se verifica de forma muito mais acentuada na matriz elétrica do que na matriz energética e na China essa dinâmica se repete, como é possível observar no gráfico abaixo.

China: Geração de Energia Elétrica por fonte (2021)



Fonte: Elaboração própria a partir do British Petroleum Statistical Review of World Energy 2022

Isso ocorre pelo fato da transição atual estar sendo constituída através de um duplo movimento composto pela maior introdução de fontes de energia renováveis - como solar e eólica, que produzem eletricidade e, assim, alargam a matriz elétrica - e pela eletrificação de setores, que não são tradicionalmente movidos a eletricidade, como o setor de transportes e alguns segmentos industriais de difícil descarbonização, como a siderurgia. É por isso que a atual transição energética tem sido descrita como uma transição elétrica (RLIE, 2021, p. 12).

Devido ao gigantismo do setor energético chinês, o esforço para a expansão da geração a partir de fontes renováveis - que vem comandando o aumento da capacidade instalada no setor elétrico chinês - ainda parece pouco expressivo se analisada a sua pequena, porém crescente, participação na matriz energética. Contudo, a China já é o principal centro em termos

de geração de energia elétrica a partir de fontes renováveis, respondendo por mais de 31,51% da geração mundial a partir de renováveis (BP, 2022, p.46).

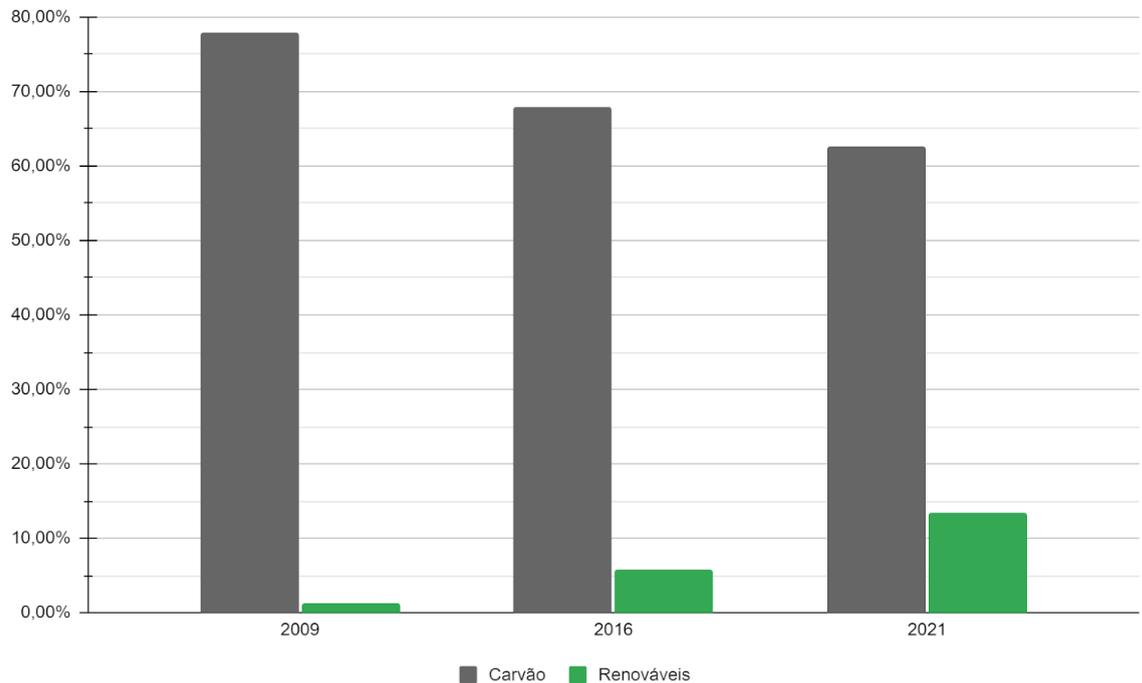
Esse crescimento acelerado das fontes renováveis nas últimas duas décadas tem como marco institucional a promulgação da Lei de Energia Renovável, em 2005 (ZOTIN, 2018, p.116). Tal marco introduziu uma série de medidas que buscaram, por meio da concessão de variados incentivos financeiros, promover a expansão das energias renováveis em sua matriz energética e foi o pontapé inicial para uma sequência de políticas públicas destinadas a inserir a China nas cadeias globais de produção de tecnologias de energia renovável ((WENG et. al, 2015, p. 25).

Nessa mesma direção, destaca-se o planejamento de longo prazo da China no que tange o processamento de minerais terras raras. Tal direcionamento gerou grandes frutos, possibilitando a concentração da capacidade mundial de processamento desses minerais, tão importantes para a transição energética e para a digitalização no país asiático (O'SULLIVAN et al, 2017, p.12; SZKLO, 2019).

Apesar da persistência do uso em larga escala do carvão como fonte energética, a China também se destaca pelo acelerado avanço no uso de fontes energéticas renováveis e se apresenta como líder no processo de transição energética mundial. Entre 2009 a 2021, ocorreu uma simultânea redução da participação do carvão na geração de energia elétrica chinesa, em termos relativos, e um crescimento vigoroso da participação de renováveis.

A participação do carvão diminuiu de 78,4% para 67,88% em 2016, enquanto que as renováveis passaram de uma participação de 1,3% para 5,88% na matriz elétrica (BP, 2021, p. 2; BP, 2018, p. 48). Já em 2021, o carvão continuou tendo seu peso relativo reduzido, mas ainda representa 62,56%, enquanto a participação de fontes renováveis atingiu 13,50%, totalizando 1152,5 Terawatt/hora (BP, 2022, p.51).

Matriz elétrica chinesa: Renováveis x Carvão



Fonte: Elaboração própria a partir do British Petroleum Statistical Review of World Energy 2022

De forma geral, o processo de transição energética na China tem quatro grandes motivações. A primeira está relacionada à redução das emissões de gases de efeito estufa proporcionada pelo avanço do processo e à contribuição disso para ambição chinesa de se firmar como um ator de peso na agenda do clima e do combate às mudanças climáticas. A segunda se refere à contribuição da transição para a redução de sua vulnerabilidade a eventos extremos, que tendem a se tornar mais frequentes e mais imprevisíveis em função dos efeitos de mudanças climáticas (ZOTIN, 2018, p.97).

A terceira motivação está ligada a questões de segurança energética, uma vez que o país asiático poderia por meio da transição energética reduzir gradualmente a sua dependência externa em relação às importações de petróleo e gás (BP, 2022, p. 15; 21). Essas importações de petróleo, que são vitais para a sua economia, dependem muitas vezes de transporte marítimo de grandes distâncias cujo trajeto inclui a passagem por gargalos logísticos, como os estreitos de Ormuz e Malaca (BP, 2022, p. 28). Como o consumo de petróleo na China é concentrado no

setor de transportes, a promoção da mobilidade elétrica em curso no país é uma alternativa interessante.

A quarta se relaciona com a busca chinesa por consolidar-se como líder na produção e exportação de tecnologias verdes e de energia limpa e aproveitar todos os benefícios que tal posição conferiria. Trata-se de uma enorme oportunidade de impulsionar o crescimento econômico através da consolidação de uma indústria de tecnologias verdes e do comércio de equipamentos e tecnologias-chave para a transição energética com o exterior, mas também por meio da atuação de empresas chinesas em projetos no exterior, por meio de investimentos e financiamentos (ZOTIN, 2018, p. 175-7).

O movimento simultâneo de ampliação do uso de fontes de energia renovável e de redução do uso de fontes de energia fósseis - que caracteriza a atual transição - tem profundas consequências para a geopolítica da energia, assim como para a segurança energética, produzindo efeitos muito diversos para diferentes países, que derivam de três grandes características.

Primeiramente, a distribuição espacial das reservas de minerais e materiais essenciais para a transição energética - que é intensiva em minerais (WORLD BANK, 2020, p.37). Em segundo lugar, o crescimento da participação de fontes de energia cujo padrão espacial da geração é menos concentrado, e que são caracterizadas pela sua natureza intermitente. A terceira e mais relevante característica se refere à desigualdade nas capacidades científico-tecnológicas, que são indispensáveis para o desenvolvimento e a produção de tecnologias de energia renovável, entre outras convergentes para a transição, que são preponderantes neste processo no qual a inovação tem um papel crítico.

Nessa última dimensão, a China vem se destacando tanto pela qualidade das suas tecnologias de energia renovável e outras convergentes para a transição energética, quanto pela escala de produção das mesmas - especialmente painéis solares - contribuindo, assim, para uma redução dos custos de tais equipamentos a nível mundial, ajudando a avançar não só a transição energética em vários outros países. Por esse fator, e também pela rápida difusão das renováveis mediante o planejamento de longo prazo, acreditamos que o país asiático está bem

equipado para navegar pela conturbada atual transição energética, apesar dos grandes desafios envolvidos.

Assim, por conta da amplitude do seu consumo de energia, pela escala da sua produção de tecnologias de energias renováveis, assim como pelo significativo financiamento e investimento em projetos no exterior, é imprescindível acompanhar as ações chinesas relacionadas à energia, pois elas têm impacto global.

Referências bibliográficas

BRITISH PETROLEUM (BP). **BP Statistical Review of World Energy 2021: China's Energy Market in 2020**. Londres, 2021. Disponível em: <https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economic/s/statistical-review/bp-stats-review-2021-china-insights.pdf>. Acesso em: 24 de mai. 2023

BRITISH PETROLEUM (BP). **BP Statistical Review of World Energy 2022**. 71th Edition. Londres, 2022. Disponível em: <https://www.bp.com/content/dam/bp/business-sites/en/global/corporate/pdfs/energy-economic/s/statistical-review/bp-stats-review-2022-full-report.pdf>. Acesso em: 25 de mai. 2023

CHINA. **Proposal of the Central Committee of the Chinese Communist Party on Drawing Up the 14th Five-Year Plan for National Economic and Social Development and Long-Range Objectives for 2030**. Xinhua News Agency, November 3, 2020.

GARSDALE, M. **Major countries in worldwide cement production in 2022**. Statista. 19, February, 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/267364/world-cement-production-by-country/>. Acesso em: 25 de mai. 2023

GLOBAL TIMES. **China to launch national carbon emission trading market in July**. Source/Economy 7 de julho, 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202107/1228119.shtml>. Acesso em: 25 de mai. 2023

INTERNATIONAL ENERGY AGENCY (IEA). **Country Profile: China**. Data Browser. 23 of May, 2023. Disponível em: <https://www.iea.org/countries/china>. Acesso em: 25 de mai. 2023

MACMILLAN-FOX, Eleanor. **China Pledges Carbon Neutrality by 2060: China's President Xi Jinping has pledged to peak greenhouse gas emissions by 2030 and reach net zero by 2060, emphasizing the need for a "green revolution"**. Climate Action, 6 de novembro, 2020. Disponível em: <https://www.climateaction.org/news/china-pledges-carbon-neutrality-by-2060>. Acesso em: 21 de jun. 2023

NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION (NDRC). **Medium and Long-Term Development Plan for Renewable Energy in China**. People's Republic of China. September,

2007. Disponível em: <http://www.martinot.info/China_RE_Plan_to_2020_Sep-2007.pdf>. Acesso em: 25 de jun. 2023

O' SULLIVAN, Meghan; OVERLAND, Indra; SANDALOW, David. **The Geopolitics of Renewable Energy**. School of International and Public Affairs: Center on Global Energy Policy. Columbia University. New York, 2017. Disponível em: <<https://energypolicy.columbia.edu/sites/default/files/CGEPTheGeopoliticsOfRenewables.pdf>> . Acesso em: 18 jun. 2023

RED LATINOAMERICANA SOBRE LAS INDUSTRIAS EXTRACTIVAS (RLIE). **RLIE Hacia la COP26: La matriz Energética regional es sostenible y socialmente justa?** Ciclo de Webinários Transición Energética justa y sostenible en América Latina? Boletim Informativo no 5/2021. 2021

STATE COUNCIL. **China's Green Development in the New Era**. The State Council Information Office of the People's Republic of China Disponível em: <https://english.news.cn/20230119/b9b902af9308417db57bf08ca7a74a9e/20230119b9b902af9308417db57bf08ca7a74a9e_XxiwshE007008_20230119_CBMFN0A001.pdf>. Acesso em: 26 de jun. 2023

SZKLO, A. **A Geopolítica na Transição Energética**. In: Ciclo de Debates sobre Transição Energética. Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás. 25 abr. 2019. Disponível em: <<https://www.ibp.org.br/personalizado/uploads/2019/04/geop-transicao-25abril-sz.pdf>> . Acesso em: 18 fev. 2023.

STATISTA RESEARCH DEPARTMENT. **Steel industry in China** - statistics and facts. Statista. 23 of February, 2023. Disponível em: <<https://www.statista.com/topics/5695/steel-industry-in-china/#topicOverview>>. Acesso em: 5 de jun. 2023.

UNITED NATIONS (UN). **SDG7: Ensure access to affordable, reliable, sustainable and modern energy for all**. Department of Economic and Social Affairs. Disponível em: <<https://sdgs.un.org/goals/goal7>> Acesso em: 4 de jun. 2023.

ZOTIN, Marianne, Z. **O Papel da China na Transição Energética Global: Estado, Indústria e Recursos**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Energético) – COPPE, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.ppe.ufrj.br/images/publica%C3%A7%C3%B5es/mestrado/Marianne_Zotin_MESTRADO-2018.pdf> . Acesso em: 27 de mai. 2023.

WORLD BANK. **Minerals for Climate Action: The Mineral Intensity of the Clean Energy Transition**. World Bank, Washington, DC, 2020. Disponível em: <<https://pubdocs.worldbank.org/en/961711588875536384/Minerals-for-Climate-Action-The-Mineral-Intensity-of-the-Clean-Energy-Transition>> . Acesso em: 1 de jun. 2023.

WENG, Xiaoxue; DONG, Zhanfeng; WU, Qiong; Qin, Ying. **China's path to a green economy: Decoding China's green economy concepts and policies.** International Institute for Environment and Development. Country Report. London, February, 2015.

O catolicismo na China: um eterno limbo entre o histórico conturbado e as demandas contemporâneas¹

Felipe Vidal Benvenuto Alberto²

INTRODUÇÃO

O mais antigo contato da civilização chinesa com o cristianismo data de cerca de 635 d.C. (CARLETTI, 2008, p. 21), quando missionários siríacos enviados pela Igreja Oriental, de acordo com Pelikan (2015), teriam até mesmo deixado peças de literatura cristã em língua chinesa³ durante o predomínio da dinastia Tang (唐朝). Após considerável período de expansão e pluralidade cultural na região, o cristianismo veio a sofrer um grande revés com a perseguição imperial a qualquer tipo de prática religiosa, no século IX (CARLETTI, 2008, p. 22).

A retomada programática e planejada da relevância do cristianismo na China, já se referindo à vertente católica dessa profissão de fé, viria apenas muitos séculos depois, quando do estabelecimento da dinastia Yuan (大元), de origem mongol, por Kublai Khan (KORTE, 2009). O sacerdote jesuíta Francisco Xavier (方濟沙勿略) foi o grande pioneiro da empreitada do catolicismo na Ásia, ao menos em termos de eficácia do trabalho realizado. Criando no Japão, em 1540, a primeira missão jesuítica na região, o sacerdote não tardou em decidir pela expansão daquela proposta, retornando a Goa, na Índia, onde era baseado e, logo em seguida, partindo

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa em andamento em nível de mestrado no PPGRI/UERJ, consistindo em parte de dissertação a ser defendida, sob orientação dos Profs. Drs. Renan Holanda Montenegro e Maurício Santoro Rocha.

² Mestrando em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGRI/UERJ) e bolsista da CAPES. Pesquisador do Núcleo de Estudos Atores e Agendas de Política Externa (NEAAPE/IESP), do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR/UEPB) e do Grupo de Estudos sobre China (GECHINA/UnB). E-mail: fvidal804@gmail.com

³ Aquilo que é descrito como literatura cristã, para a época, se trata de escritos em pedras monolíticas conhecidas como estelas. (CARLETTI, 2008, p. 21-22) Localizados em grutas-bibliotecas, tais itens são encontrados ainda hoje e reconstroem a historiografia da região.

rumo à China a fim de catequizar no país. (SHELLEY, 2018, p. 311) Ao enfrentar dificuldades no caminho, Xavier viria a falecer em uma pequena ilha no Mar do Sul da China (南海), como afirma Boxer (2007, p. 37), mas sua morte não seria em vão. O caminho traçado por Xavier viraria o “mapa da mina” e, não por acaso, visto que, em 1567, Portugal utilizaria esses meios para chegar à costa chinesa através de Macau — hoje oficialmente Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China (中華人民共和國澳門特別行政區). Convocado, pouco tempo depois, por uma liderança religiosa local para lecionar aos chineses, o também jesuíta italiano Matteo Ricci (1552-1610) se tornaria a epítome do catolicismo na China, onde era conhecido como *Lì Mǎdòu* (利瑪竇). No entanto, era consenso dentro da Companhia de Jesus o fato de a dinastia Ming (大明) enxergar seu país como produtor de cultura e não receptor (SHELLEY, 2018, p. 312).



Missionário jesuíta Matteo Ricci com vestimentas tradicionais chinesas. Fonte: Wikimedia Commons

Missionários dominicanos e franciscanos realizaram visitas a Beijing (北京市) e se mostraram escandalizados com os métodos idealizados por Ricci e praticados por toda Companhia de Jesus àquela altura da missão no Leste Asiático. Para Ricci, seria demasiado traumatizante apontar um pretenso ateísmo progressivo à população chinesa, uma vez que era até então muito organizada e religiosamente disciplinada, ainda que adorassem, em geral, ancestrais e não divindades bem definidas. Com isso em mente, o jesuíta ensinou ao povo chinês que o chamado “Senhor do Céu” — ou *Shangdi* (上帝) —, a quem veneravam há tanto tempo, era Deus e que a adoração aos ancestrais era também um ato de disciplina social, não apenas uma doutrina religiosa, sendo fatores não mutuamente excludentes. Sendo assim, foram abundantes as adaptações de ritos e, por conseguinte, o catolicismo praticado na China em

muito pouco se parecia com o pregado pela sua liderança central. Nesse interlúdio, houve a primeira suposta invocação mariana em território chinês, quando da Rebelião do Reino Celestial Taiping (太平天国运动), oportunidade em que fiéis clamaram por proteção divina e sobreviveram ao massacre provocado pelo incidente, associando tal feito a Nossa Senhora de Sheshan (佘山聖母).



Nossa Senhora de Sheshan, invocação mariana considerada padroeira da China. Fonte: Wikimedia Commons

Após um longo período de marasmo e pequenas ondas inconsistentes de missões evangelizadoras, a eclosão das Guerras do Ópio (鸦片战争), no século XIX, trouxe à tona uma nova etapa nas relações sino-vaticanas. Aquele trabalho, que até então era hercúleo, de lidar com o contexto local sem nenhum tipo de apoio externo tornou-se referendado pelas potências europeias que, a partir daquele momento, adentravam o território chinês e subjugavam a população local (SPENCE, 2013). Do ponto de vista dos missionários, o bônus de exercer um trabalho respaldado por seus países de origem, algo documentado nos chamados Tratados Desiguais (不平等条约) pela cláusula de extraterritorialidade⁴, não veio sem o ônus de serem associados pelo povo chinês ao regime semicolonial implementado na região. Um marco na expansão de missionários por todo território chinês se deu na assinatura do Tratado de Nanjing (南京条约), uma consequência direta de desavenças pontuais entre os dominadores europeus e autoridades chinesas (SPENCE, 2013). Outros documentos de natureza similar viriam logo em seguida, aprofundando a relação entre a missão católica e o imperialismo europeu em território chinês.

⁴ Impostos por potências europeias tanto à China quanto ao Japão e à Coreia, em diferentes termos, os Tratados Desiguais imprimiam uma série de vantagens comerciais e territoriais sobre os governos locais. O movimento trouxe consigo a possibilidade de blindar cidadãos estrangeiros da legislação chinesa, sendo essa cláusula chamada de extraterritorialidade. (SPENCE, 2013, p. 227)

O agravamento da já delicada situação da soberania chinesa nos anos subsequentes — pertencentes ao famigerado Século de Humilhação (百年国耻) (SPENCE, 2013) — acabaram resultando em revoltas populares. Por exemplo, fortemente identificados com um nacionalismo há muito atacado, os chamados *boxers*⁵ extrapolaram a postura antiocidental para um sentimento anticristão, chegando a implementar atos de violência contra cristãos sob o apoio do governo de Beijing. Daí advém a adoração à Nossa Senhora da China, invocação mariana associada à sobrevivência do povoado de Donglu (东闾村), de maioria cristã.



Nossa Senhora da China, também chamada de Nossa Senhora de Donglu. Fonte: Wikimedia Commons

Acompanhando de perto todas as movimentações na região durante o processo de fim do regime imperial, a Santa Sé buscou aproximar-se da China e, mesmo com certas barreiras impostas, tratou de se posicionar de maneira estratégica. Bento XV⁶ viria, através de carta oficial, questionar a forma como católicos chineses eram tratados pelos missionários estrangeiros. O Sumo Pontífice fez questão de pontuar a incoerência em se dizer cristão e se valer do protetorado europeu para subalternizar todo um povo.

Suponhamos que ele não se comporta plenamente como um verdadeiro homem apostólico, não pondo de lado essas intenções humanas, mas dê a entender que serve os interesses da sua pátria, obviamente todo o seu trabalho será olhado com suspeita pela população; esta facilmente será induzida a crer que a religião cristã não passa da religião de um determinado país e que a adesão a ela seria colocar-se na dependência de um Estado estrangeiro, renunciando assim à sua nacionalidade. (BENTO XV, 1919)

Foi já sob o papado de Pio XI⁷ que um delegado apostólico seria enviado à China. Monsenhor Celso Costantini (刚恒毅) chegou como um prenúncio da construção de relações

⁵ Membros de uma sociedade discreta, de origem camponesa, chamada Punhos Harmoniosos e Justiceiros, os *boxers* eram assim chamados por serem praticantes de kung fu. (SPENCE, 2013).

⁶ Italiano, nascido Giacomo della Chiesa, foi entronizado no dia 6 de setembro de 1914 e exerceu o papado até 22 de janeiro de 1922, data de seu falecimento.

⁷ Italiano, nascido Ambrogio Ratti, foi entronizado no dia 12 de fevereiro de 1922 e exerceu o papado até 10 de fevereiro de 1939, data de seu falecimento.

mais duradouras e que pudessem até mesmo resultar no envio de um núncio apostólico⁸ para o país asiático. Em um novo empenho de aproximação, Pio XI também promoveria a distribuição de livros e orações no idioma local, a fim de alcançar o povo ainda não atingido pelas sucessivas frentes missionárias. Respondendo também a uma reclamação antiga advinda de fiéis chineses, o Sumo Pontífice consagrou os primeiros bispos nativos. De acordo com Carletti (2008), é nesse momento que ocorre a implementação do ensino da religião cristã em determinadas escolas chinesas, deixando clara a eficácia dos movimentos diplomáticos.



Mártires chineses canonizados pela Igreja, destacando-se Agostinho Zhao Rong. Fonte: Wikimedia Commons

Outrora unidos pela derrubada do Império e expulsão de estrangeiros, Partido Comunista da China (PCCh) (中国共产党) e Guomindang (中國國民黨) — o Partido Nacionalista — se colocaram, em 1927, em lados opostos de uma guerra civil que determinaria os destinos da China até hoje. A despeito da existência de missionários com opiniões diversas e nem sempre disciplinados quanto à execução das ordens papais, a Igreja não tomou lado expressamente na disputa pelo poder sob o território chinês, conforme afirma Carletti (2008, p. 52). O desenrolar do conflito demonstrou a incapacidade do Partido Nacionalista em deter os avanços do PCCh, enquanto no lado comunista Mao Zedong (毛泽东) se consolidava como, segundo Fairbank (2005), “a figura que melhor conciliava habilidade estratégica com liderança carismática” e tal fenômeno se efetivaria na Revolução Comunista Chinesa (第二次国共内战), encerrada em 1949.

AS RELAÇÕES SINO-VATICANAS CONTEMPORÂNEAS

⁸ Realizam essencialmente o mesmo trabalho que embaixadores, sendo a nomenclatura escolhida a fim de dar o sentido de anunciação da mensagem evangelizadora à missão diplomática (CARLETTI, 2012, p. 47).

No ano de 2013, recém-entronizado como novo Papa da Igreja Católica Apostólica Romana — doravante referida apenas como Igreja ou Igreja Católica —, o Cardeal jesuíta argentino Jorge Mario Bergoglio não demoraria para dar indícios de que carregaria consigo marcas de sua formação eclesial. Optando pelo inédito uso do nome Francisco, santo católico venerado por sua associação com humildade e serviço, Bergoglio sinalizou de imediato o início do período que seria logo chamado de “Igreja de portas abertas” (AQUINO JÚNIOR, 2017). A expressão, que em países menos singulares seria considerada apenas um slogan de governo, passou a denotar uma perceptível sensibilidade de Francisco aos povos marginalizados pelo sistema.

Assumindo a presidência da China no mesmo ano, Xi Jinping (习近平) daria continuidade na caminhada de seu país rumo ao objetivado posto de maior potência econômica mundial. Essa confluência de acontecimentos pode não ter ocorrido no período de maior perseguição histórica ao cristianismo na região, seja sob a ótica da violência aplicada ou da própria profissão de fé (DUCORNET, 2008; CLARK, 2020), mas certamente se deu no momento em que o mundo, cada vez mais intrinsecamente conectado, tem seus olhos voltados atentamente à China e seu debatido modelo de acelerado desenvolvimento (SANTORO, 2013).

O Vaticano possui uma embaixada taiwanesa acreditada a si, por ser um dos quinze países do mundo que reconhecem Taiwan (臺灣) (LEUNG, 2018; TAIWAN, 2022) — oficialmente República da China (中華民國) — como um Estado independente (BENTO XV, 1919), algo que ocorre desde o período da separação territorial (SHENG, 2012). Por atacar a soberania chinesa, ainda que passivamente, esse fator está entre os mais relevantes para o agravamento das relações sino-vaticanas. Todavia, como um Estado dotado de soberania e dispondo de relações bilaterais com Taiwan (CARLETTI, 2008; LEUNG, 2018), a Santa Sé não pode ser descartada pelos interesses chineses, tendo em vista o esvaziamento da causa separatista (SPENCE, 2013).

Ainda nos primeiros dias de papado, uma carta foi enviada a Xi Jinping a fim de parabenizá-lo pela missão de presidir a República Popular da China (中华人民共和国). Os esforços de comunicação não foram protocolares, uma vez que as tentativas de contato, ainda unilateral, se repetiriam por numerosas oportunidades nos anos seguintes (CHAMBON, 2020). Passado algum tempo, foram organizadas comitivas oficiais da Santa Sé em direção ao gigante asiático, com o objetivo de mapear e explorar “os muitos pontos de encontro entre a China e o Vaticano”, segundo palavras do bispo argentino Marcelo Sánchez Sorondo, presente em alguns desses encontros. Buscar similaridades entre ambos os entes de poder passou a ser uma arma bastante eficaz na desmistificação dessa relação historicamente truncada, afinal tratam-se das “duas únicas instituições milenares do planeta” (CHU, 2014b; SISCO, 2018).

Logo no ano seguinte das posses de Francisco e de Xi Jinping, representantes de ambos os governos já haviam retomado contato oficial em busca de solucionar a questão que atualmente mais gera ruzgas entre os dois Estados: a nomeação de bispos para atuação em território chinês. A Santa Sé alegava ambicionar apenas o gozo de alguma normalidade no trato de questões religiosas na China. Já as representações chinesas na negociação apontavam para intransigências cruciais por parte do Vaticano, que não entenderia — ou fingiria não entender — os danos que a ingerência ocidental em seu território já causou na história recente do país (BOXER, 2007). Fortes defensores dessa retórica ocupam cargos de liderança na chamada Associação Patriótica Católica Chinesa (中国天主教爱国会) (STANDAERT, 2010), organismo estatal fundado em 1957 (KORTE, 2009), que objetiva sumariamente dar ao Estado chinês o poder de controle da prática do catolicismo em seu território (GIUNIPERO et al, 2007). Com forte lobby político dentro do PCCh, esse tipo de “religiosidade estatizada” (SPENCER, 2013) acaba representando uma das mais fortes barreiras para um diálogo bilateral normalizado entre os dois Estados (CARLETTI, 2008).

Para Francesco Sisci (2018), um ponto de virada crucial na relação bilateral sino-vaticana, ao menos sob a ótica da política externa chinesa, deu-se em setembro de 2015, quando Bergoglio e Xi Jinping estiveram ao mesmo tempo nos EUA. Observar a relevância atribuída pela mídia local à presença do Sumo Pontífice teria alertado o presidente chinês para potenciais ganhos na construção de uma relação amistosa com a Santa Sé, em termos de intercâmbio cultural e ganhos de imagem. Afinal de contas, Sisci (2018) completaria sua análise afirmando que “[...] se o Vaticano é tão poderoso, não se trata apenas de gerir esses poucos milhões de católicos chineses”.

Já sob a ótica da Santa Sé, fechar um “acordo de paz” (MATLARY, 2001) com Beijing é de suma importância para superar a divisão na prática do catolicismo chinês, tanto visando promover a liberdade religiosa (LYNCH, 2014; WANG, 2022) a seus fiéis quanto tendo em vista lograr êxito no caráter essencialmente universalista da Igreja Católica (MALEK, 2005). Não obstante, Francisco demonstrou pouca pressa durante o amadurecimento das negociações e indicou saber muito bem que, caso um dos lados acelerasse para além da importância que o assunto possui, certamente haveria um descompasso diplomático. Sem fugir de perguntas a esse respeito, Francisco (2018) já respondeu a questionamentos sobre uma possível ida à China dizendo que “[...] as portas do coração estão abertas. E penso que fará bem a todos uma viagem à China. Eu gostaria de a fazer...”. Ao citar o pioneiro Matteo Ricci, em entrevista concedida no ano de 2016, o Pontífice prega novamente serenidade ao dizer que “[...] a experiência de Ricci nos ensina que é necessário dialogar com a China, que é uma fonte de sabedoria e história. É uma terra abençoada de muitas formas”. Essa não seria a primeira e nem a última vez que o Papa jesuíta recordaria os passos do missionário da Companhia de Jesus.

Após o breve período de flerte relatado e pouca mudança prática, em relação aos papados anteriores, ainda em 2016 ocorreria um movimento histórico nessa relação a partir do momento em que o Papa recebe, de maneira inédita, resposta proveniente do mais alto governante chinês. Xi Jinping não só respondeu a uma das sucessivas mensagens que chegavam, como enviou a Francisco uma réplica da Estela de Xian, item importantíssimo da literatura antiga cristã, encontrada em pesquisas arqueológicas realizadas em solo chinês (CHU, 2014a). Segundo Sisci (2018), o recado estava além do ato da resposta, mas também incluía uma mensagem de pertencimento do cristianismo à história chinesa, visando dissociar — ao menos parcialmente — essa prática religiosa de um vínculo mais intenso com o imperialismo europeu histórico na região.

Após incontáveis reuniões entre ambas as partes, a notícia de que um acordo acerca do assunto estaria encaminhado (TZOGOPOULOS, 2018; EMBAJADOR, 2022) veio de um dos maiores entusiastas da ideia internamente ao Vaticano: o Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado da Santa Sé (BERNARDONI, 2019; GIUNIPERO; GIOVAGNOLI, 2019). Ao afirmar que “[...] em breve não haveria mais questionamentos acerca da legitimidade ou clandestinidade na Igreja chinesa”, no início de 2018, o religioso preparou o terreno para um documento que já vinha sendo tratado a muitas mãos e há muitos anos. Escolhido pelo Papa para exercer o cargo de maior confiança do Vaticano e, por vezes, ser a voz política do Sumo Pontífice nos mais diversos fóruns, Parolin é hoje um epíteto no que tange a política externa da Santa Sé para a China (KUAN, 2012; BERNARDONI, 2019). Em um momento histórico pregresso, ao prefaciá-la obra dedicada ao estudo de missões na China, o Cardeal havia tomado para si as palavras outrora usadas por Pio XII⁹ em relação aos chineses: “Antes de tudo desejamos manifestar o nosso caloroso afeto por todo o povo da China” (PAROLIN apud FRANGUELLI, 2021).

Todavia, a singela prévia da novidade dada pelo Cardeal italiano já seria suficiente para despertar reações dos mais diversos níveis. Do lado mais reacionário da Igreja, foi mais uma oportunidade de tecer duras críticas nos bastidores ao papado supostamente indisciplinado e irresponsável de Francisco, mas, mesmo na China, o diagnóstico positivo não foi de unanimidade. A título de exemplificação, enquanto o Cardeal John Tong Hon (湯漢), chinês e bispo emérito da Região Administrativa Especial de Hong Kong (香港特別行政區), recebeu as boas novas com expectativa de pacificação dos conflitos (PORFIRI, 2020), o também bispo emérito e Cardeal Joseph Zen Ze-kian (陳日君) chegou a utilizar o termo “comercialização da Igreja” (MALOVIC, 2008) ao se referir à possibilidade de aproximação entre a Santa Sé e o governo comunista da China continental (GIUNIPERO et al, 2007). Há que se pontuar que existem diferenças significativas quanto ao posicionamento político interno dos dois religiosos,

⁹ Italiano, nascido Eugenio Pacelli, foi entronizado no dia 12 de março de 1939 e exerceu o papado até 9 de outubro de 1958, data de seu falecimento.

incluindo a recente prisão de Joseph Zen por envolvimento nos protestos pela independência de Hong Kong, mesmo tendo passado dos 91 anos (CERNUZIO, 2022).



Encontro do Sumo Pontífice com Joseph Zen (à esquerda); Reunião de Francisco com bispos chineses durante negociações do acordo em prol da nomeação episcopal (à direita). Fonte: Wikimedia Commons

Ainda no fim de 2017, as primeiras notícias sobre a possibilidade de normalização das relações já surgiam em noticiários chineses. As primeiras críticas não chegaram a ser significativamente impactantes por terem sido rebatidas através do uso da própria figura do Papa (FRANCISCO, 2018; 2019), o qual detém invejável capacidade de mediação e não possui nenhum tipo de constrangimento constitucional — como monarca absolutista — para se posicionar da maneira que melhor entender. Ao informar que Francisco estaria acompanhando as negociações pessoalmente, a Secretaria de Estado não deixou muita margem para dúvidas sobre a seriedade do caso. O grande assombro daqueles pertencentes à Igreja “clandestina” é, porém, que o Papa seja driblado pelo governo de Beijing, abrindo as portas do diálogo para aqueles que haviam anteriormente aprisionado e, supostamente, até torturado os seus prelados sem garantias da contraparte (ZEN, 2019).

Em setembro de 2018, finalmente foi assinado um acordo provisório — e sigiloso — entre a Santa Sé e o governo de Beijing em face da nomeação dos bispos para atuação na China (TZOGOPOULOS, 2018; EMBAJADOR, 2022). Apesar das capacidades analíticas serem meramente indutivas, dado o caráter secreto do documento, é razoável alegar que se trata de um reflexo da mudança na política externa adotada pelo Vaticano frente à questão chinesa (PULLELLA, 2018). Colaborando para o encaixe deste projeto em um eixo disciplinar adequado para o recorte adotado, é interessante notar que

[...] a pesquisa (desta questão) pode ser enquadrada no âmbito das Análises de Política Externa, onde elementos como cultura e religião, em particular a chamada *Faith Diplomacy*, emerge como um fator condicionante na construção das relações de força no cenário internacional. (LEIGHT, 2011, apud CARLETTI, 2019)

Depois de algum tempo vigente, com renovações bienais sempre dificultosas (CERASO, 2022), o acordo provisório apresenta sinais sérios de desgaste. Cercado de polêmicas e testes de estresse de ambos os lados (QUINTANAL, 2016; PULLELLA, 2022; , 2022), envolvendo principalmente trocas de bispos nomeados conjuntamente sob ordem expressa unilateral de um dos entes envolvidos e pronunciamentos acalorados do já referenciado Cardeal Zen, principal voz de resistência à negociação com o governo comunista, a paciência tem voltado a ser palavra de ordem. A despeito de sua idade, o religioso não se limita a exercer suas atividades religiosas na clandestinidade, mas é muito ativo na mídia, posicionando-se contrariamente a qualquer concessão da Santa Sé ao regime comunista (ZEN, 2019). O respeitado bispo emérito de Hong Kong já teve a oportunidade até mesmo de se reunir com o Papa Francisco, no Vaticano, a fim de debater a situação na região, sendo a última delas no velório do Papa Emérito Bento XVI, que escrevera uma carta endereçada aos fiéis chineses em seus últimos anos de pontificado (BENTO XVI, 2007; BISPO, 2023).

Tradicionalmente, as representações católicas de Hong Kong apoiaram Francisco em sua empolgação, agindo até mesmo como uma ponte entre as comunidades que respondem ao bispo de Roma e aqueles obrigados a professar sua fé na clandestinidade.

Quando ouvimos críticas da comunidade oficial contra a comunidade clandestina, defendemos esta última dizendo que sua posição é legítima. Em vez disso, quando ouvimos a comunidade clandestina criticar a comunidade oficial como se todos fossem traidores da Igreja, dizemos: 'Não! Nem todos eles! Porque conhecemos esses irmãos. Vivemos juntos há muito tempo. Muitos deles são fortes e corajosos, mantendo a verdadeira fé enquanto estão em uma estrutura tão desfavorável.' (ZEN, 2019, tradução minha)

A fim de ilustrar alguns casos de tensionamento, no fim de 2020, pouco depois de trocar notas diplomáticas com Roma (FRANCISCO, 2020) na intenção de renovar o acordo por mais dois anos, o governo de Beijing estabeleceu processo de nomeação de bispos sem nenhuma anuência papal e cerca de uma centena de policiais invadiram, em maio de 2021, um seminário católico a fim de prender a liderança religiosa regional, famoso ativista não-alinhado com o governo central (CHU, 2014a). Na ausência do monsenhor no local, dezenas de sacerdotes e seminaristas foram detidos (ARRASTÃO, 2021). Já em dezembro de 2021, bispos subordinados ao governo de Beijing realizaram uma inédita reunião a portas fechadas com aqueles que atuam em Hong Kong e respondem ao Vaticano. Relatos do encontro dão conta de que foi uma reunião voltada para levar uma mensagem e que Xi Jinping nunca teria sido tão enfático ao descrever seu desejo de uma religião voltada ao local ou, adotando um termo recorrentemente utilizado na academia, “com características chinesas” (SANTORO, 2013)



Papa Francisco e grupos da diáspora chinesa em encontros com fiéis no Vaticano. Fonte: Wikimedia Commons

Em suma, Francisco segue defendendo o diálogo e, em entrevista recente, chegou a dizer que uma ida à China ocorrerá no momento certo (MONG, 2019; FRANCISCO, 2017; 2022; 2023), mas os pontos estabelecidos no acordo soam cada vez mais protocolares em termos de efeitos práticos. A política externa da Santa Sé para a China certamente mudou com Francisco (2016; 2017), e há o que ser investigado nesse campo, mas dúvidas pairam sobre a capacidade de tornar essas políticas efetivas em um país que, além de só permitir que entes externos analisem sua política de maneira indutiva, a todo momento tem um novo assunto prioritário que engole a pauta anterior. Em uma fala acerca do tema, o argentino afirmou que "[...] a China não é fácil, mas estou convencido de que não deveríamos desistir do diálogo" e disse, ainda, que "[...] você pode ser enganado no diálogo, pode cometer erros, tudo isso..., mas é o caminho. Uma mente fechada nunca é o caminho" (PULLELLA, 2021).

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Nas Periferias do Mundo: Fé, Igreja e Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2017.

ARRASTÃO de Pequim no Seminário Católico, O: Preso um Bispo. **Instituto Humanitas Unisinos**, 24 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/609515-o-arrastao-de-pequim-no-seminario-catolico-presoum-bispo>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

BENTO XV. Carta Apostólica "*Maximum Illud*" do Sumo Pontífice aos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos do Mundo Católico Sobre a Atividade Desenvolvida Pelos Missionários no Mundo. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 30 de novembro de 1919. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maxim-um-illud.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

BENTO XVI. Carta do Santo Padre aos Bispos, aos Presbíteros, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos da Igreja Católica na República Popular da China. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 27 de maio de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2007/documents/hf_ben-xvi_let_20070527_china.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

BERNARDONI, Marco. Sisci: Parolin and the vision of the Pope on China. **SettimanaNews**, Bologna, 17 de maio de 2019. Disponível em: <http://www.settimananews.it/papa/sisci-parolin-and-the-vision-of-the-pope-on-china/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

BISPO de Hong Kong: Viagem a Pequim em Nome da Unidade, O. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 21 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-04/o-bispo-de-hong-kong-viagem-a-pequim-em-nome-da-unidade.html>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

BOXER, Charles R. **A Igreja Militante e a Expansão Ibérica (1440-1770)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARLETTI, Anna. **Diplomacia e Religião: Encontros e Desencontros nas Relações entre a Santa Sé e a República Popular da China de 1949 a 2005**. Brasília: FUNAG, 2008.

CARLETTI, Anna. Do Centro às Periferias: o Deslocamento Ideológico da Diplomacia da Santa Sé com o Papa Francisco. **Austral**, v. 4, n. 7, p. 218-239, jan./jun. 2015.

CARLETTI, Anna. A *Faith Diplomacy* de Xi Jinping: as Implicações Político-Religiosas do acordo provisório sobre a nomeação dos bispos católicos na China. **Conjuntura Internacional**, v. 16, n. 3, p. 24-33, 1 dez. 2019.

CERASO, Gabriella. Cardeal Parolin: Acordo com a China a Caminho de Renovação. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 3 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-09/parolin-china-entrevista-telejornal.html>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

CERNUZIO, Salvatore. Cardeal Zen condenado a multa por defender manifestantes em Hong Kong. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 25 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-11/cardeal-zen-china-hong-kong-condenado.html>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

CHAMBON, Michel. **Making Christ Present in China: Actor-Network Theory and the Anthropology of Christianity**. Londres: Palgrave Macmillan, 2020.

CHU, Cindy Yik-yi. Chinese Catholicism: An Overview. In: **Catholicism in China, 1900-Present: The Development of the Chinese Church**, Nova York: Palgrave Macmillan, p. 3-12, 2014a.

CHU, Cindy Yik-yi. China and the Vatican, 1979-present. In: **Catholicism in China, 1900-Present: The Development of the Chinese Church**, Nova York: Palgrave Macmillan, p. 147-167, 2014b.

CLARK, Anthony. **China's Catholics in an Era of Transformation: Observations of an "Outsider"**. Singapura: Palgrave Macmillan, 2020.

DUCORNET, Etienne. **La chiesa e la Cina**. Milão: Editoriale Jaca Book, 2008.

EMBAJADOR de Taiwan ve “importante” para los católicos chinos el acuerdo Vaticano-China. **Embassy of the Republic of China (Taiwan) to the Holy See**, Cidade do Vaticano, 10 de outubro de 2022. Disponível em: https://www.taiwanembassy.org/va_en/post/4547.html. Acesso em: 15 de maio de 2023.

FAIRBANK, John King. **China: A New History**. 2a ed. Cambridge: Belknap Press, 2005.

FRANCISCO. *Angelus*. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 22 de maio de 2016.

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2016/documents/papa-francesco_angelus_20160522.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. Conferência de Imprensa Durante o Voo de Regresso de Viagem Apostólica a Bangladesh.

Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé, Cidade do Vaticano, 2 de dezembro de 2017. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171202_viaggioapostolico-bangladesh-voloritorno.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. Audiência Geral. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 26 de setembro de 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180926_udienza-generale.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. Audiência Geral. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 22 de maio de 2019.

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2019/documents/papa-francesco_20190522_udienza-generale.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. *Regina Caeli*. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 24 de maio de 2020.

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_regina-coeli_20200524.html. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. Coletiva de Imprensa do Santo Padre Durante o Voo de Regresso de Viagem Apostólica ao Cazaquistão. **Boletim da Sala de Imprensa da Santa Sé**, Cidade do Vaticano, 15 de setembro de 2022.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/september/documents/20220915-kazakhstan-voloritorno.html>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

FRANCISCO. Audiência Geral. **Dicastério para a Comunicação**, Cidade do Vaticano, 17 de maio de 2023.

Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230517-udienza-generale.html>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

FRANGUELLI, Bruno. Cardeal Parolin em Livro sobre a China: “Tudo Está Dentro de um Plano de Deus”.

Vatican News, Cidade do Vaticano, 14 de maio de 2021.

GIUNIPERO, Elisa Maria et al. **Chiesa Cattolica e Cina Comunista: Dalla Rivoluzione del 1949 al Concilio Vaticano II**. Brescia: Editrice Morcelliana, 2007.

GIUNIPERO, Elisa; GIOVAGNOLI, Agostino. **L'Accordo tra Santa Sede e Cina: i Cattolici Cinesi tra Passato e Futuro**. Roma: Urbaniana University Press, 2019.

KORTE, Guilherme. Catolicismo na China. **Embaixada da República Popular da China no Brasil**, Brasília, 12 de agosto de 2009. Disponível em: http://br.china-embassy.gov.cn/por/zgqk/200408/t20040817_4348841.htm. Acesso em: 05 de maio de 2023.

KUAN, Hsin-Chi. Religion and Politics in China. In: **Universal Rights in a World of Diversity: The Case of Religious Freedom**, p. 155-192, 2012.

LEUNG, Beatrice. The News Triangular Relations Among the Vatican, Taiwan and China in the Tsai Ing-wen Administration. In: SO, Francis; LEUNG, Beatrice; MYLOD, Ellen Mary (eds.). **The Catholic Church in Taiwan: Birth, Growth and Development**. Singapura: Palgrave Macmillan, p. 233-254, 2018.

LYNCH, Andrew. **Beijing and the Vatican: Catholics in China and the Politics of Religious Freedom**. SAGE Open, v. 4, n. 4, p. 1-10, 2014.

MALEK, Roman. Jidu Zongjiao: Expressões e Situação Atual do Cristianismo no Contexto da Política Religiosa da República Popular da China. In: **Liberdade Religiosa em Questão**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, p. 27-48, 2005.

MALOVIC, Dorian. **Senza Diplomazia: Il Cardinale Zen, Vescovo di Hong Kong, e la Cina Comunista**. Milão: Edizioni San Paolo, 2008.

MATLARY, Janne Haaland. The Just Peace: The Public and Classical Diplomacy of the Holy See. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 14, n. 2, p. 80-94, 2001.

MONG, Ambrose. **Sino-Vatican Relations: From Denunciation to Dialogue**. Cambridge: James Clarke & Co, 2019.

PELIKAN, Jaroslav. **O Espírito do Cristianismo Oriental (600-1700)**. A Tradição Cristã: Uma História do Desenvolvimento da Doutrina, Vol. 2. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

PORFIRI, Aurelio. **Una Calma Apparente: Vaticano, Cina e L'insorgenza di Hong Kong**. Chieti: Edizioni Solfanelli, 2020.

PULLELLA, Philip. Bispos da China Comparecerão a Sínodo do Vaticano pela Primeira Vez. **Reuters**, Cidade do Vaticano, 1 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/religiao-china-sinodo-vaticano-idBRKCN1MB2Q0-OBRT>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

PULLELLA, Philip. Papa Defende Acordo com China e Diz que Diálogo é Necessário. **UOL**, Cidade do Vaticano, 1 de setembro de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2021/09/01/papa-defende-acordo-com-china-e-diz-que-dialogo-e-necessario.htm>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

PULLELLA, Philip. Vatican Says China Violated Pact on Bishops, Wants Explanation. **Reuters**, Cidade do Vaticano, 26 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/vatican-says-china-violated-pact-bishops-expresses-regret-2022-11-26/>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

QUINTANAL, Gracia Abad. **Las relaciones entre el Vaticano y la República Popular China: ¿El retorno de la "Ostpolitik"?**. Razón y Fe, v. 274, n. 1413-1414, p. 23-30, 2016.

SANTA SÉ: instalação de bispo na China não em conformidade com o Acordo. **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 26 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-11/china-bispo-nomeado-diocese-nao-reconhecida-santa-se.html>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

SANTINI, Alceste. **Cina e Vaticano**: Dallo Scontro al Dialogo. Roma: Editori Riuniti, 2003.

SANTORO, Maurício. China e Coreia do Norte. In: **Ditaduras Contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 41-60, 2013.

SHELLEY, Bruce. **História do Cristianismo**: Uma Obra Completa e Atual Sobre a Trajetória da Igreja Cristã Desde as Origens Até o Século XXI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SHENG, Shu. **A História da China Popular no século XX**. Série História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

SISCI, Francesco. Cina-Vaticano: Vigilia di un Possibile Accordo. **SettimanaNews**, 18 de fevereiro de 2018. Disponível em: <http://www.settimananews.it/italia-europa-mondo/cina-vaticano-vigilia-possibile-accordo/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

SPENCE, Jonathan. **The Search for Modern China**. 3a ed. Nova York: W. W. Norton & Company, 2013.

STANDAERT, Nicolas. Chinese Patriotic Churches. In: TIEDEMANN, Rolf Gerhard (ed.). **Handbook of Christianity in China**, Volume Two: 1800-present. Leiden: Brill, 2010.

TAIWAN. Pe. Chan: "após visita de Pelosi, as relações com a China não serão como antes". **Vatican News**, Cidade do Vaticano, 9 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2022-08/taiwan-chan-apos-visita-pelosi-relacoes-com-china-nao-como-antes.html>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

TZOGOPOULOS, George. China-Vatican Relations Look Up After Deal. **Global Times**, Beijing, 14 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/201810/1122901.shtml>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

WANG, Shucheng, The Chinese Communist Party's Atheistic Approach to Religious Freedom in China. **Politics, Religion & Ideology**, v. 23, n. 2, p. 204-225, 2022.

ZEN, Joseph. **For Love of My People I Will Not Remain Silent**: On the Situation of the Church in China. San Francisco: Ignatius Press, 2019.

文化时刻



MOMENTO CULTURAL

Modernidade e tradição: a China do século XX sob as pinturas de Song Wenzhi

João Paulo Araújo Souto¹

A revolução socialista foi um evento que catalisou intensas transformações sócio-espaciais na China. O país vivenciou um processo acelerado de industrialização acompanhado do afloramento artístico alimentado pela ideologia socialista. Desse cenário, surge o realismo socialista chinês, enquanto uma corrente político-artística inspirada no realismo socialista soviético (LEE, 2014; SMITH, 2017). Como princípio estético, buscava-se valorizar as conquistas e ideais de uma sociedade socialista, a partir da representação do progresso, prosperidade e da figura heróica do trabalhador urbano e camponês (LEE, 2014). O movimento foi bastante popular durante todo o período revolucionário, sendo amparado pelo Estado, até declinar junto ao fim da gestão maoísta (SMITH, 2017).

Um dos recursos artísticos utilizados pelo movimento foi a representação de paisagens industriais em fundos de propagandas e pinturas, a fim de reforçar o imaginário da modernização do país (LEE, 2014; SMITH, 2017). Buscava-se mostrar que o homem transformava a natureza para o benefício da sociedade socialista. Na China, essa prática foi popularizada na década de 70, com destaque para as pinturas de Song Wenzhi. Sob suas telas, Song representava paisagens industriais do país estilizadas através de técnicas usadas na pintura clássica chinesa. Criando cenários onde a natureza e a modernidade coexistiam.

Nascido em 1919, na província de Jiangsu, Song foi um entusiasta da pintura desde muito jovem, vindo de origem humilde, o futuro pintor praticava sozinho em casa os métodos de pintura de litografia clássica (SSW CHINA, 2019). Em 1941, ele foi admitido na Academia de Belas Artes de Suzhou, da Escola de Xangai, onde pode receber um treinamento sistemático de pintura (YOUTH, 2019). Antes da revolução, Song já tinha domínio sobre as técnicas antigas utilizadas nas dinastias Qing, Tang, Song e Yuan (SUZHOU MUNICIPAL PEOPLE'S GOVERNMENT, 2021).

¹ Graduando em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), membro do grupo de pesquisa Geopolítica e Planejamento Territorial (EA/UFMG) e participante do GECHINA, como coordenador acadêmico. E-mail: joaopaulosouto@outlook.com.

Até o período revolucionário, as gerações de pintores eram formadas por artistas que viveram o final da dinastia Qing e a República da China. Nessa época, a pintura paisagística ainda reproduzia métodos e estilos tradicionais, remanescentes do período da pintura clássica dos “Estados Combatentes” (CHINA ZIHUA, 2019). A partir da década de 50, com a revolução, novos paradigmas surgem para a classe artística influenciada pela ideologia socialista. Acreditava-se que a arte deveria servir aos trabalhadores e a um propósito político, passando a representar uma realidade ideal sob o socialismo (LEE, 2014; SMITH, 2017; CHINA ZIHUA, 2018).

Inspirado pelos ares revolucionários, Song se junta a uma nova geração de pintores paisagistas e passa a trabalhar na representação de cenas contemporâneas, utilizando das técnicas da litografia clássica. Entre as suas produções nas décadas de 50 e 60, se destacam obras como **“Lançamento de jangada no rio Tongjiang (桐江放筏)”**, **“Estaleiro de Guangzhou (广州造船厂)”**, **“Sob o rio Xin'an (新安江上)”** e **“As Grandes Mudanças de Montanhas e Rios (新安江上)”** (CHINA ZIHUA, 2019). Mas, foi nos anos 70, que o pintor produziu suas obras de maior relevância (SMITH, 2017).

Historicamente, a pintura de paisagem é uma prática extremamente valorizada na sociedade chinesa. Enquanto que no ocidente as técnicas de representação na pintura buscavam alcançar um sofisticado grau de realismo, baseado na geometria e perspectiva. Para os pintores chineses, idealizava-se representar a energia vital da natureza, onde até mesmo a técnica do traçado poderia expressar a ideia de um “estado” ou “movimento” dos elementos (SCHACHTER, 2011). Além disso, ainda que a presença do homem e de suas intervenções fossem frequentemente retratadas nessas pinturas, sua participação na cena surgia sempre de maneira sutil em meio a imensidão da natureza.

Song explorou a essência da técnica de pintura de paisagem clássica em suas obras, porém, com uma abordagem mais singular ao exaltar a industrialização e o progresso que se vivia na China em suas cenas. Sob suas lentes, as estruturas industriais criadas pelo homem chinês moderno assumem uma escala muito maior, quase competindo com a imponência das montanhas e rios no cenário. Ao mesmo tempo, Song ampliou a percepção do impacto da transformação da natureza em suas pinturas, utilizando as mesmas técnicas do estilo usadas por pintores paisagistas clássicos, como pelo uso de cenas em planos definidos e de telas longas, em vista panorâmica.

Em **“A nova vista de Taihu (太湖新装)”**, 1972, Song trabalha uma paisagem industrial onde a natureza ainda domina o primeiro e o segundo plano da cena. Mas, os elementos que se destacam são justamente os indicativos da chegada do progresso industrial naquela paisagem. Desde as linhas de transmissão de energia que atravessam as montanhas em um caminho onde já não se identifica o seu início ou fim, às embarcações na foz do rio. Essa obra integrou a

Exposição Nacional de Fotografias e Pintura Chinesa. realizada em Pequim (ASHMOLEAN MUSEUM, 2013).

Já em **“As margens do rio Yangtze (扬子江畔)”**, 1973, podemos ver claramente um cenário onde a ocupação humana já se destaca na paisagem em primeiro plano. Competindo espaço com o meio ambiente natural, se inserindo pouco a pouco entre as encostas. Nessa obra, Song retrata a refinaria de petróleo de Nanjing, inserida sob as montanhas de Qixia, no subúrbio oriental de Nanjing (YANGTSE, 2021). No segundo plano, a presença de um grande porto induz a um certo dinamismo da cena. Os navios que saem do porto e o vapor emanado pela indústria mostram que a produção está em alta. Enquanto que, no plano mais distante, surge uma ponte monumental que de tão longa parece não ter fim.

Por fim, em **“As Flores de Daqing às margens do rio Yangtze (扬子江畔大庆花)”**, 1975, Song radicaliza a expressão da ocupação humana. A refinaria de petróleo surge enquanto a própria “vitalidade” da paisagem, preenchendo todo o espaço da pintura. Quase não há meio ambiente natural, a cena destaca apenas o progresso atingido no mundo ideal socialista. A China estaria ali a todo vapor, em desenvolvimento, em uma realidade ideal, porém, próxima. Nessa tela, Song buscou transmitir tudo o que viveu durante sua estadia em uma refinaria de petróleo no rio Yangtze, onde conviveu e entrevistou os trabalhadores locais com o objetivo de produzir obras que melhor servissem aos trabalhadores (CHINA ZIHUA, 2018; YOUTH, 2019).

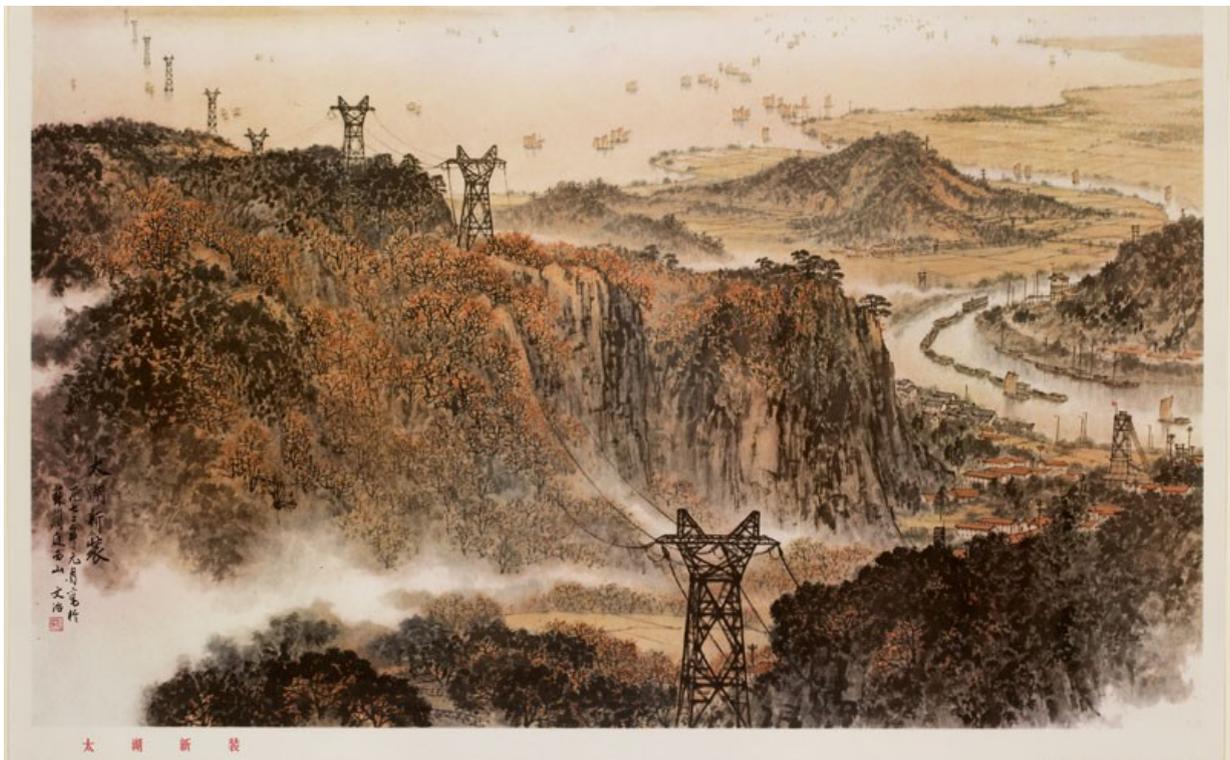


Figura 01 - “A nova vista de Taihu (太湖新装)” - 1979. Fonte: Smith, 2017.



Figura 02 - "As margens do rio Yangtze (扬子江畔)" - 1973. Fonte: University of Westminster.

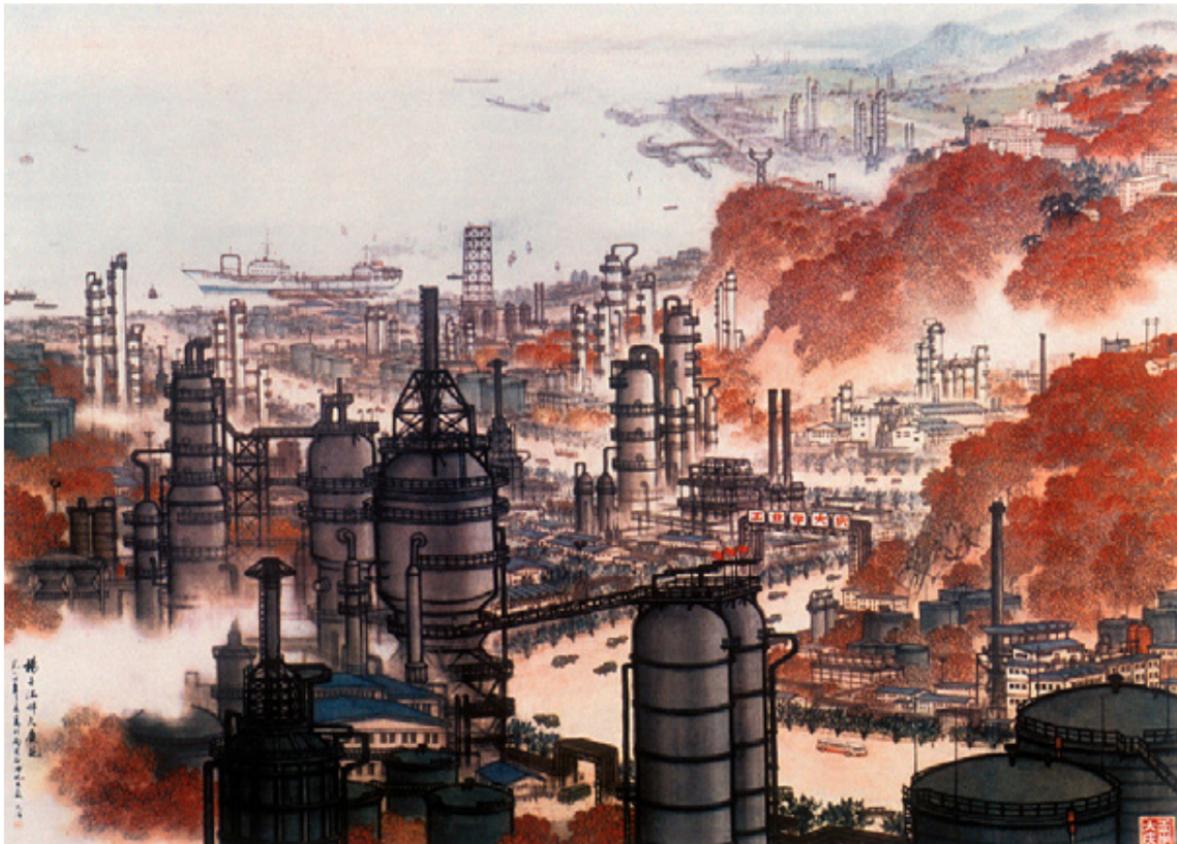


Figura 03 - "Flores de Daqing junto ao rio Yangtze (扬子江畔大庆花)" - 1975. Fonte: Smith, 2017.

Além de pintor, Song também teve uma participação significativa na academia de belas artes chinesa. Seis anos após ser admitido na Academia de Belas Artes de Suzhou, Song iniciou sua carreira educacional na Escola Normal de Anting, onde lecionou até ser transferido para a província de Jiangsu, para trabalhar com pintura tradicional e lecionar na nova escola de (YOUTH, 2019). No final dos anos 70, ele assumiu a vice-presidência da Academia de Pintura Tradicional Chinesa de Jiangsu, após o restauro da instituição (SSW CHINA, 2019). Seu apreço pela Academia de Jiangsu era tão alto que o pintor doava as receitas obtidas em suas exposições à instituição (YOUTH, 2019).

Song deixou um legado para as novas gerações de artistas na China, pois provou que era possível utilizar de técnicas tradicionais para expressar ideais da contemporaneidade. Além disso, possui grande reconhecimento pelo seu domínio sobre as complexas técnicas da litografia clássica chinesa (CHINA ZIHUA, 2020). Nas décadas 80 e 90 o pintor continuou trabalhando com esse estilo, porém em um ritmo mais reduzido. Entre esse período, se destaca a obra “Petroquímica de Nanjing (南京石化)”, de 1990, como uma releitura da obra de “Nas Margens do Rio Yangtze” (CHINA ZIHUA, 2020). Infelizmente, sua morte veio a acontecer em 1999. Atualmente suas obras podem ser encontradas na China, no Museu Nacional de Arte da China e no Museu Militar da Revolução do Povo Chinês, nos Estados Unidos, no Museu de Boston, e no Japão, no Museu de Arte de Fukuoka (SSW CHINA, 2019).

Referências bibliográficas

赏美术经典, 学百年党史 | 宋文治《扬子江畔》. YANGTSE, 07 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.yangtse.com/content/1162660.htm>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

宋文治文二巨作《南京石化》, 经典重现. CHINA ZIHUA, 20 de dez. de 2020. Disponível em: <http://www.cnzihua.cn/guohua/45880.html>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

宋文治作品呈现50年代山水画发展的缩影. CHINA ZIHUA, 13 de jan. de 2019. Disponível em: <http://www.cnzihua.cn/shuhuazatan/22192.html>. Acessado em: 20 de jul. de 2023.

宋文治作品《扬子江畔大庆花》赏析. CHINA ZIHUA, 31 de dez. de 2018. Disponível em: <http://www.cnzihua.cn/shuhuazatan/22531.html>. Acessado em: 20 de jul. de 2023.

百年宋文治: 往事沉浮 笔入山河. Youth, 07 de jan. de 2019. Disponível em: http://shuhua.youth.cn/zxzx/201901/t20190107_11836042.htm. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

宋文治在开创山水画新貌上享有盛誉. SSW China, 16 de out. de 2019. Disponível em: <http://www.sswchina.cn/article-36494-1.html>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

Item CPC/1/C/28 - The bank of the Yangzi river. University of Westminster: records and archives. Disponível em: <https://westminster-atom.arkivum.net/cpc-1-c-28>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

Smith, Craig A. Industrial landscapes of socialist realism. *Made in China Journal*, Melbourne, Vol. 2, No. , p. (61-65), outubro. 2017. Disponível em: <https://search.informit.org/doi/abs/10.3316/informit.032527500253135>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

LEE, Young Ji Victoria. *Recoding Capital: Socialist Realism and Maoist Images (1949-1976)*. Dissertação de doutorado em filosofia - Department of Art, Art History and Visual Studies, Duke University, Estados Unidos, p. 55-211. 2014. Disponível em: <https://dukespace.lib.duke.edu/dspace/handle/10161/9413>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

Song Wenzhi-The Pioneer of Chinese Modern Painting Innovation. Suzhou Municipal People's Government, 23 de jun. 2021. Disponível em: <http://www.suzhou.gov.cn/szsenglish/szlswh/202106/b99f78db6dda41dd942578ab76c7ce2c.shtml>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

SCHACHTER, Bony Braga. Forma e movimento: a teoria da pintura de paisagem na China, 229-589. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, v.02, n.19, p.1-20, dez. 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/15247/11548.shtml>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

New Aspects of Lake Tai. Ashmolean Museum, 2013. Disponível em: <http://jameelcentre.ashmolean.org/collection/921/object/12675>. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

CHAMADA PARA PROCESSO SELETIVO 2023.2



SOBRE O GECHINA

Grupo de Estudos sobre China



Grupo de Estudos sobre China foi instituído no ano de 2020 no âmbito do Grupo de Pesquisa em Ásia - América Latina e Caribe (ASIALAC) do Instituto das Relações Internacionais da UnB. O GECHINA possui caráter multidisciplinar e pluralista, é formado por estudantes da graduação e pós-graduação de diversas áreas e instituições de ensino superior do país, com interesse em pesquisar, desenvolver e aprofundar seus estudos sobre temáticas que envolvam a China. O grupo visa o intercâmbio de conhecimento e como tal, desenvolve atividades que integram os membros aproximando de entidades, órgãos e instituições que contribuam para a ampliação de seus conhecimentos e experiências com o continente asiático.

Nesse sentido, as principais atividades são baseadas em reuniões quinzenais para discussão de textos, incentivo à produção acadêmica, e organização de cursos e palestras abertas a toda a comunidade, com professores convidados especialistas em China e Ásia.



Eixo Temático

As temáticas exploradas pelo grupo são multidisciplinares, e demonstram o caráter plural de suas discussões. Existem dois modelos de estrutura para um semestre, os quais podem possuir um eixo central e temas derivados, ou temas variados sem uma conexão temática. Entre os temas já discutidos no GECHINA estão: Cultura Chinesa, Relações China e Ásia, Investimentos Chineses, Projetos e metas chinesas para o Meio ambiente, História e Política Chinesa, Tecnologia e Economia Chinesa, papel das mulheres na Revolução Chinesa, Soft Power, Iniciativa Belt and Road, Filosofia Chinesa, Desenvolvimento chinês, Cinema, Futebol, Educação na China, Relações com os países de língua portuguesa, Direito Chinês, Literatura, Programa Espacial Chinês, A Difusão de conhecimento sobre a China no Brasil, entre outros.



GOSTARIA DE FAZER PARTE DO GECHINA?

Edital do Processo Seletivo de 2/2023 - GECHINA UnB

A Coordenação-Geral do Grupo de Estudos sobre China (GECHINA UnB) declara que está aberto o Processo Seletivo do segundo semestre letivo de 2023 (2023,2) para novos membros. Esta seleção será regida pelas instruções de postulação especificadas neste edital, e sua organização/aplicação são de responsabilidade da Coordenação-Geral, Administrativa e de Recursos Humanos do GECHINA UnB.

INFORMAÇÕES GERAIS

No semestre atual, conforme decisão do grupo, os encontros podem acontecer na modalidade presencial, virtual ou híbrido, de modo a democratizar o espaço e ampliar o intercâmbio de conhecimento com pessoas externas à UnB. O calendário semestral é organizado pela Coordenação-Geral juntamente com a Coordenação Acadêmica, com base nos formulários de feedback enviados pelos membros ao final do semestre e reuniões com os membros. Os temas podem ser livres ou organizados em eixos temáticos.

O grupo é organizado a partir de coordenações, que cumprem funções distintas ao longo do semestre. São elas:

- **Coordenação de Comunicação:** encarregada da produção de conteúdos audiovisuais e do gerenciamento das redes sociais do projeto: Instagram, Tik Tok e LinkedIn;
- **Coordenação Acadêmica:** atua na construção do cronograma de encontros realizados semestralmente, com base nas sugestões e demandas dos integrantes e, além disso, auxilia no contato com convidados externos, escolha de materiais bibliográficos e de apoio;
- **Coordenação de Recursos Humanos:** responsável por garantir com que clima entre os integrantes possibilite o melhor andamento e fluidez para a realização das atividades, se encarregando do gerenciamento de uma política de feedbacks, formulários de saída ou permanência de membros, conversas individuais e eventos de integração;
- **Coordenação Administrativa:** incumbida da facilitação de processos burocráticos e demandas organizacionais, tais quais: a organização de processos seletivos juntamente com a Coordenação-geral, trato com documentos e planilhas, e a institucionalização do grupo junto ao Instituto e ao Decanato de Extensão.

A participação do membro pode se dar em duas modalidades. A primeira consiste no comparecimento às reuniões quinzenais, engajamento nas discussões que ocorrem em torno dos temas, e participar de outras atividades desenvolvidas pelo grupo como a produção científica diversa do grupo, podendo desenvolver materiais escritos, como análises, resenhas, resumos expandidos e artigos; bem como, produções audiovisuais, como podcasts e vídeos de temáticas livres que se relacionem com China e/ou Ásia, postagens de conteúdos nas redes sociais, dentre outras ações propostas pelo grupo. E a segunda, que além das atribuições mencionadas, envolve a participação em uma das quatro coordenações de gestão do grupo.

Os integrantes se reúnem quinzenalmente, às segundas-feiras, das 20h às 21h30, com possíveis alterações para acomodar nossos convidados. Devido à presença de integrantes por todo o Brasil e exterior, os encontros estão acontecendo por meio da plataforma virtual Google Meet e VooV Meeting.

Os membros que estiverem presentes em 70% dos encontros e tiverem pelo menos uma contribuição com as produções acadêmicas do grupo receberão um certificado de participação detalhando o número de horas referentes a carga horária das reuniões. O Grupo conta com um sistema de avaliação de frequência que permite até 3 faltas não justificadas.

INSTRUÇÕES DE INSCRIÇÃO

DA INSCRIÇÃO

Será elegível para esse Edital o candidato que:

- Possuir vinculação acadêmica com qualquer instituição de ensino superior reconhecida pelo MEC.
- Preencher o formulário de inscrição até às 23h59 do dia 30 de julho de 2023 (domingo).

DOS CRITÉRIOS DE DESCLASSIFICAÇÃO

Será automaticamente desclassificado o candidato que:

- Preencher o Formulário de Inscrição com informações inverídicas ou incompletas;
- Inscrever-se no Processo Seletivo após o período estipulado no item 1 deste Edital.

DO CRONOGRAMA DO PROCESSO SELETIVO

Abertura do Processo Seletivo	17/07/2023
Encerramento das Inscrições Processo Seletivo	23h59 do 30/07/23
Divulgação dos resultados da primeira etapa	Até às 18h do dia 14/08/2023
Divulgação dos resultados da segunda etapa	Até às 18h do dia 23/08/2023
Início das atividades	20h do dia 28/08/2023

DAS ETAPAS DO PROCESSO SELETIVO

Este Processo Seletivo é constituído por duas etapas, que demandam de cada candidato:

a) Candidato a membro do GECHINA e/ou membro das Coordenações Acadêmica, Administrativa e/ou Recursos Humanos.

1ª Fase: Preenchimento de formulário que visa coletar informações de contato de cada participante, assim como seus principais interesses para ingressar no projeto e estudar acerca de temáticas que se relacionam à China e/ou ao continente asiático. Além das informações do formulário será necessária a produção de um ensaio de 1000 a 2000 palavras (excluídas as referências) a ser anexado no formulário em formato WORD. O texto deve seguir a formatação padrão ABNT com fonte Times New Roman, tamanho 12, e não deve haver qualquer menção do nome do candidato dentro do documento ou no nome do arquivo, que deve ser apenas o título do ensaio. A temática deve estar relacionada a um dos seguintes três eixos: Política e Economia chinesa; Cultura e História Chinesa; Tecnologia e Inovação na China

2ª Fase: Entrevista com membros participantes do projeto, com o objetivo de conhecer as/os candidatas/os a partir dos seguintes tópicos: Apresentação básica do candidato (nome e idade), trajetória acadêmica, descrição de origem de seus interesses por China e Ásia, visão de como o GECHINA pode agregar a sua formação acadêmica e como você poderia contribuir às atividades do grupo juntamente a outros questionamentos relevantes.

b) Candidato a membro do GECHINA e membro da Coordenação de Comunicação.

1ª Fase: Preenchimento de formulário que visa coletar informações de contato de cada participante, assim como seus principais interesses para ingressar no projeto e estudar acerca de temáticas que se relacionam à China e/ou ao continente asiático. Além disso, os interessados em compor a Coordenação de Comunicação do GECHINA deverão apresentar proposta para e três postagens para o Instagram, incluindo suas respectivas artes e legendas.

As três postagens devem ser sobre os seguintes temas:

I) Postagem sobre o Festival da Lua, também conhecido como Festival do Meio do Outono;

II) Postagem sobre o conceito político chinês de “Prosperidade Comum”;

III) Postagem sobre o Incidente de Mukden (18 de setembro de 1931).

Instruções:

- As fontes a serem usadas nas artes devem ser Abhaya Libre ExtraBold e/ou Benne.
- A base da paleta de cores a ser usada nas artes deve ser: #C83433; #941818; #faf2e3 e #c6ce50.
- A legenda das publicações deve conter até 180 palavras.
- É permitido realizar tanto post de arte única, como de carrossel (várias artes em sequência);
- O candidato deve utilizar de sua criatividade para idealizar o conteúdo a ser inserido em cada postagem, de acordo com a temática delimitada.
- O candidato deverá realizar upload da(s) arte(s) e legenda de cada postagem através do Formulário de Inscrição no campo em que for solicitado. O limite de arquivos (artes + legenda) para cada postagem é de 10 arquivos. Em caso de upload de várias artes de um mesmo post, nomeie os arquivos em ordem cronológica.
- Não é permitido plágio de conteúdo de terceiros, tampouco o uso de ferramentas de inteligência artificial como o ChatGPT.

2ª Fase: Entrevista com membros participantes do projeto, com o objetivo de conhecer as/os candidatas/os a partir dos seguintes tópicos: Apresentação básica do candidato (nome e idade), trajetória acadêmica, descrição de origem de seus interesses por China e Ásia, visão de como o GECHINA pode agregar a sua formação acadêmica e como você poderia contribuir às atividades do grupo juntamente a outros questionamentos relevantes.

Observação: O candidato à Coordenação de Comunicação não precisa submeter ensaio ao processo seletivo. Ainda assim, cabe destacar que todo membro da Coordenação de Comunicação cumpre a função de membro do GECHINA de participação nos encontros fechados quinzenais.

DAS VAGAS

Este Processo Seletivo busca selecionar de 10 a 20 estudantes voluntários. Da totalidade das vagas, 70% serão destinadas à modalidade de ingresso em ampla concorrência e as outras 30 % adotarão o sistema de cotas, a partir das seguintes distribuições*:

- 10% Estudantes PCD
- 30% Estudantes oriundos da rede pública de ensino
- 10% Estudantes PPI oriundos da rede Privada e/ou militar de ensino
- 40% Estudantes PPI oriundo da rede pública de ensino

*As proporções variam de acordo com o número de novos ingressantes.

DAS RESPONSABILIDADES

É responsabilidade do membro selecionado:

- Estar comprometido a acompanhar as reuniões e atividades coletivas, sejam do grupo como um todo, como as de sua respectiva sub-coordenação;
- Desenvolver e auxiliar a produção acadêmica do grupo;
- Não estar matriculado em disciplina ou outra atividade no mesmo horário das reuniões do grupo, especificado na parte de Informações Gerais deste Edital;
- Estar alinhado com a proposta e valores do projeto;
- Ajudar e zelar pela organização das atividades e imagem do grupo.

DOS RESULTADOS

- Os resultados da Primeira Etapa do Processo Seletivo serão anunciados até às 18h do dia 14 de agosto de 2023, por meio da página do Instagram @gechinaunb, além de notificação via e-mail, pela Coordenação-Geral do GECHINA UnB.
- Os resultados da Segunda etapa serão anunciados até às 18h do dia 23 de agosto de 2023, por meio da página do Instagram @gechinaunb, além de notificação via e-mail pela Coordenação-Geral do GECHINA UnB

DA APROVAÇÃO

Os estudantes que forem selecionados neste Processo Seletivo serão notificados por e-mail e devem seguir as instruções explicitadas no e-mail para a adesão no grupo. É imprescindível, portanto, que os candidatos registrem seus dados pessoais e de contato ATUALIZADOS no Formulário de Inscrição. O GECHINA não se responsabiliza por eventuais erros de digitação ou informações erradas que impossibilitem o contato com o candidato. Fiquem atentos também às mídias sociais do GECHINA UnB no dia da divulgação do Resultado.

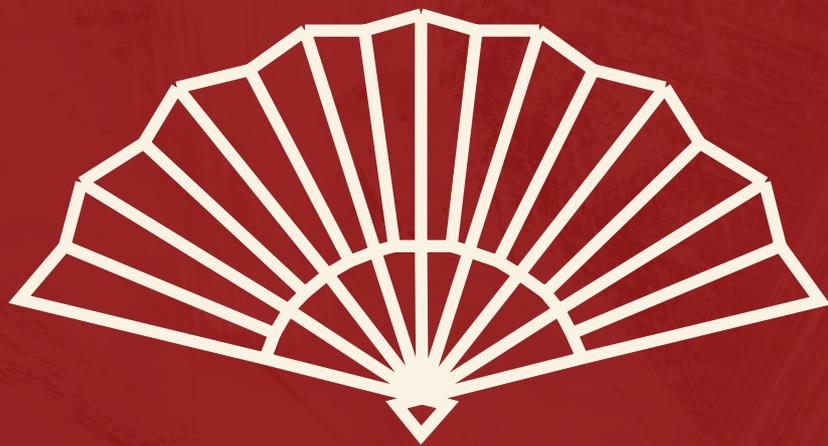
DA NÃO-APROVAÇÃO

Os candidatos que não forem selecionados podem solicitar feedback de suas candidaturas até às 18h do dia 26 de agosto de 2023, por meio do endereço eletrônico gechina.unb@gmail.com, o qual será elaborado pela Coordenação-Geral do GECHINA UnB.

**Venha fazer parte
do GECHINA**



Quaisquer dúvidas relativas a este Processo Seletivo poderão ser encaminhadas ao endereço eletrônico gechina.unb@gmail.com. A Coordenação-Geral do GECHINA UnB deseja boa sorte a todos os candidatos!



研究中国

GECHINA UnB